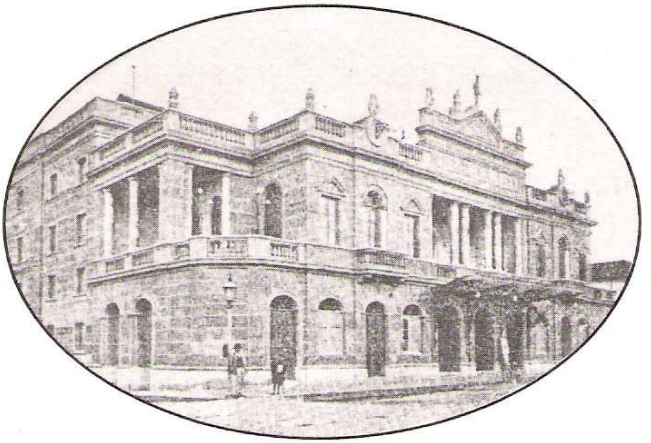
Pedro Henrique Caldas
Yolanda Lhullier dos Santos



GUARANY

O grande teatro de Pelotas

Edições
Semeador

Pedro Henrique Caldas
Yolanda Lhullier dos Santos

GUARANY

O grande teatro de Pelotas

Edições Semeador

Copyright © 1994 **by** Pedro Henrique Caldas
Yolanda Lhullier dos Santos

Direitos reservados aos autores

Capa - PHC
Computação: Tarso Corrêa Gonçalves (0532)51.1978
Impressão e acabamento: Litoarte/Pelotas (0532)27.4813

Edições Semeador
Rua Anchieta, 3385
Pelotas-RS, 96015-420

Catalogação/Biblioteca Pública Pelotense

C145g Caldas, Pedro Henrique
Guarany - o grande teatro de Pelotas.
Pedro Henrique Caldas/Yolanda Lhullier dos Santos
- Pelotas: Semeador, 1994.

75 p. ilust.

CDD 793 (816.5) (09)

Correspondência:

Pedro Henrique Caldas
Rua Anchieta, 3385
Pelotas-RS, 96015-420

Yolanda Lhullier dos Santos
Rua São Carlos do Pinhal, 485/74
São Paulo-SP, 01333-001

Primavera de 1994

Impresso no Brasil *Impreso en Brasil*

Sumário

Apresentação 07
Introdução 09

Um lazer popular 11
Guarany: lusitana criação 15
Obras aceleradas 21
Saudações poéticas 32
A grande noite 38
Lirismo do Prata 44
Repercussões 47
O teatro das luzes 50
Assinaturas e teatro popular 53
Um barítono na matiné 57
A primeira sessão de cinema 58
Adeus ao cinema mudo 58
Cinema em 3-D 59
Abalando estruturas 60
Reformas controversas 61
Os mosaicos e o público 62

Apêndice

Francisco Santos - um depoimento 63
A placa que sumiu 67
José de Alencar 71
O Guarani 71
Carlos Gomes 72

Bibliografia 73

Apresentação

Reflexo da riqueza de uma região, o monumental prédio do Theatro Guarany foi erguido no início dos anos 20. Hoje, o edifício septuagenário ainda é motivo de orgulho para uma cidade que ficou pobre, mas permaneceu altiva em seus sonhos por dias melhores.

Contar a história do Theatro Guarany é evocar o espírito empreendedor de nossa gente, revelando um invejável patrimônio cultural e ajudando a preservar um bem inestimável. Uma pelotense, docente da Universidade de São Paulo e detentora de respeitável currículo, e um portoalegrense que fez nome na cultura de Pelotas, escreveram esta história.

Conhecemos o Pedro Henrique Caldas, o Pedrinho, em 1978. Era, então, um jovem entusiasmado pela Sétima Arte, participando do grupo que reativou o Clube de Cinema de Pelotas, de cuja diretoria fez parte. Pouco depois, ele teve o nosso incentivo quando passou a assinar uma coluna de cinema num dos jornais da cidade.

A inquietude de sua personalidade, levou-o a buscar na filosofia oriental a estrada do misticismo. O amor à arte o fez seguir adiante, pelos caminhos da música, do teatro, da dança... Depois, no trajeto de volta, o descobrimos no silêncio das bibliotecas, pesquisando as coisas de ontem.

Desde então, foram histórias contadas e sucessos alcançados.

Nem todo o Brasil está alienado de sua cultura. O Pedro Henrique Caldas, certamente, continuará sendo um jovem a desvendar o passado como afirmação para o futuro.

Pelotas, outubro de 1994.

JOARI REIS*

(*) - Joari Reis é professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Catolica de Pelotas e critico de cinema do Diário Popular

Introdução

Há cerca de dois anos, a realização desta obra era coisa absolutamente improvável. Vivendo em cidades distantes, e sem nos conhecermos, trilhávamos a mesma seara, tendo pesquisas concluídas sobre quase idêntico tema. Só mesmo o acaso, ou um milagre, poderia aproximar-nos e fazer com que, num trabalho à quatro mãos, aqueles estudos virassem realidade. De fato, faltava um elo de ligação. Foi então que, certo dia, num encontro casual numa rua de Pelotas, começou a fechar-se um triângulo de amizade e criação.

Bia Cunha*, o elo da corrente, encontra-se com um amigo. A saudade anima um acelerado bate-papo. Ela, viera rever amigos e promover shows musicais. Ele, recém lançara um livro sobre o Conservatório de Música, e agora iniciava algo sobre o Theatro Guarany. Entusiasmada, Bia diz ter uma tia em São Paulo que é neta de Francisco Santos, fundador do teatro: "Ela anda pesquisando a vida artística e empresarial dele", revela, ao mesmo tempo em que insiste na oportunidade de um contato entre os dois. Num cartão de apresentação rabisca um telefone e um endereço.

Amizade revigorada. Abraço. Beijos. Despedem-se. Por um lado, segue ele, curioso, interessado em conhecer a pesquisadora distante; do outro, vai Bia, inconsciente, talvez, de que acabara de fazer uma importante conexão.

Dias depois, a professora Yolanda Lhullier dos Santos recebe uma carta do Rio Grande do Sul. Pedro Henrique Caldas, o remetente, apresenta-se como amigo de Bia e pesquisador; ele envia seu último livro, e propõe mútua colaboração. Ao responder-lhe, em fevereiro de 1993, Yolanda confirma algumas indagações e acena para uma possível parceria:

"Poderíamos fazer algo juntos... Espero sua resposta para decidirmos alguma coisa... Creio que temos muitos pontos em comum quanto ao resgate da memória do nosso país".

Depois disso, algumas cartas e telefonemas firmam a parceria. O aproveitamento de ambas as pesquisas é decidido de comum acordo. Pensavam, inicialmente, em simplesmente juntá-las numa única obra, mas concluiram que o ideal seria duas: uma abordando o Theatro Guarany, e a outra, Francisco Santos e suas múltiplas realizações como pioneiro do cinema nacional, produtor, diretor, ator e empresário.

E aqui estamos, trazendo ao público aquela primeira obra, justamente quando aproxima-se o centenário do cinema (1895-1995). A grande invenção dos irmãos Lumiére, é claro, será reverenciada ao redor do mundo através de incontáveis celebrações, publicações, eventos, etc. Assim, entendemos que a publicação de ***Guarany - o grande teatro de Pelotas***, aqui na "Princesa do Sul", insere-se no contexto das comemorações. De outro lado, contribui para a memória do teatro nacional, pois revela nuances do intercâmbio artístico luso-brasileiro, bastante intenso nas décadas iniciais do século XX.

Independente dos juízos pessoais de valores (dos quais sempre procuramos nos afastar ao realizar esta obra), tais registros trazem à baila importantes elementos

caracterizadores da produção teatral de influência européia, e a transladação dos mesmos para o Brasil e, no caso específico, Pelotas.

Por fim, saliente-se que esta obra, mais do que registrar o advento do Theatro Guarany, pretende destacá-lo como um dos mágicos "templos"** que moldaram a alma de nossa cidade, cuja memória, estamos certos, não pode prescindir de tão relevante biografia.

Os Autores

(*) - Beatriz Wetzel Cunha, ex-integrante do Ballet de Pelotas, produtora musical radicada em Porto Alegre.

(**) - "Um teatro é como um templo iniciático, e os espetáculos, os seus rituais". Assim penso, por tudo aquilo que vivi em 15 anos (completados em 1994) de ação cultural em Pelotas, boa parte deles no Guarany, como espectador ou protagonista. Coisas como aqueles espetáculos de Rita Lee, Gilberto Gil e Toquinho & Vinicius, em 1975; da nervosa estréia no ballet *Giselle*, ou da empolgante *Nabucco* (a primeira ópera que assisti), em 1979. E todos quantos ali passaram, que intensas emoções não terão vivido nos bastidores, no palco e na platéia? Imaginem quantas "iniciações" diante das luzes do palco ou do brilho da tela... Impossível descrever tais vivências, mas, ao menos, podemos historiar o local onde aconteceram, facilitando oportunas recordações *(Nota de P.H.Caldas)*

Um lazer popular

Pelotas, anos 20. Estabelecer as razões para que aqui, e naquele tempo, se edificasse obra tão monumental como o Theatro Guarany, não é tarefa difícil. Há, todavia, um panorama não muito claro, onde certas dificuldades e equívocos consagrados, recomendam sermos cautelosos. É impossível não esbarrar em reminiscências da "história clássica" de Pelotas, a qual, apesar de suas superficialidades e mistificações, ainda hoje é recontada *ad nauseum*.

Entretanto, não podemos ignorar que esta história, e suas projeções no século XX, refletem a forte influência do Positivismo. E a filosofia de Comte, por 40 anos norteando os governantes gaúchos, marcou todos os níveis da vida estadual desde o advento da República. Até a pena dos historiadores, o que explica as visões romanescas de personalidades e fatos de nossa história. É claro, aquela pena etérea também fez anotações sobre o Theatro Guarany.

Na passagem do século, Pelotas desfrutava dos últimos momentos da riqueza que, no passado, lhe conferira a indústria do charque. Em pouco tempo seria, com Rio Grande, apenas outro importante pólo comercial da região sul. O quadro de decadência, só não prevaleceu graças aos transportes ferroviário e rodoviário, cujo incremento permitiu a Pelotas competir, de igual para igual, com aquela cidade portuária.

Ressalte-se que o estado, como um todo, vivia uma fase de transição. Deixava para trás aquela economia exclusivamente agropastoril, para assumir um perfil mais industrial e moderno. Em Pelotas, a alta produção agrícola provinda da ascendente orizicultura e do amadurecimento das colônias alemãs da região, causou a expansão das atividades comerciais em geral.

O setor comercial, composto de um leque de florescentes atividades, tinha no ramo das diversões públicas um dos destaques. Seu mote principal era o "cinematógrafo". Desde que fora apresentada pelos irmãos Lumiére, em Paris, em 1895, a invenção espalhara-se pelo mundo. Logo, os espetáculos teatrais, líricos e de variedades, passaram a sofrer forte concorrência do cinema, que era, acima de tudo, um lazer mais popular. Não demorou para que velhos e sizudos teatros abrissem suas portas para a nova diversão.

Em Pelotas, como em todo lugar, de início os exibidores ambulantes utilizavam qualquer salão mais amplo para reunir o público e projetar os filmes. Entre uma fita e outra, havia atrações como música, dança, mágica, hipnose, acrobacia, travestis. Eram os "números de variedades". Ocorre que as salas disponíveis, além de poucas, não tinham condições técnicas adequadas e careciam de espaço para acolher as multidões que buscavam entretenimento.

E como o novo lazer revelou-se um negócio extremamente lucrativo, aquelas dificuldades limitavam em muito os rendimentos dos exibidores. O Sete de Abril, por exemplo, era o espaço com melhores acomodações, ensejando renhida disputa entre os empresários de diversões públicas. Todavia, nos contratos anuais para seu arrendamento, comprometia-se o arrendatário a "ceder às companhias ou quaisquer entidades artisticas que o solicitassem para suas exibições temporárias". Quando isso acontecia,

os prejuízos podiam ser avassaladores. Tal contexto, tornou imperiosa a construção de cinemas de verdade, grandes prédios que substituíssem as precárias salas existentes.

Isso não tardou a ocorrer, com o que surgiram o Coliseu Pelotense, o Ponto Chic e o Politeama[1], dando melhores condições para o público. Este, por sinal, apresentou vertiginoso crescimento em 1919, ano em que os impostos de diversões públicas tiveram aumento astronômico, causando o fechamento de todos os *cabaret-clubs*. Ao que parece, entrara em ação o moralismo positivista aliado aos interesses econômicos de convivas do poder. No arremate da pendenga, o Palace,o Pelotas- Club e o Brasil-Club (inaugurado em 1919) foram a leilão em 1920.

Os não poucos órfãos dos cabarés socorreram-se no cinema, a mais empolgante - e permitida - diversão noturna que restara. Instaurou-se, então, quase que um monopólio. Este *boom* do cinema coincidiu com o arrendamento do Theatro Sete de Abril, por dois anos, pela empresa Ideal Concertos (de Joaquim F. Passos).

Com a derrota na concorrência, a empresa Francisco Santos & Cia[2], locatária no período 1918/1919, ficou em sérias dificuldades. Imagine o dilema: ficar sem sala exibidora num momento de "vacas gordas". Que retrocesso, que prejuízos. Poderia ser o seu fim, não fosse ela dirigida por Francisco Santos, dinâmico empresário e teatreiro, cuja audácia levaria à construção do, na época, maior cine-teatro do Brasil[3].

---

1) Suas localizações: Coliseu - na Rua Anchieta, entre Gen. Telles e D. Pedro II, com frente leste; Ponto Chic - Rua 15 de Novembro com Sete de Setembro, atual esquina do café; Politeama - Em frente à praça central, esquina da Rua Anchieta. Foi demolido em 1919 para dar lugar ao Grande Hotel.

2) Francisco Santos firmou contrato em 1° de abril de 1918, por um ano, período em que realizou 310 funções.

3) Em 1984, Orlando Miranda, ex-diretor do CENACEN/INACEN, afirmava que o Guarany era o segundo maior teatro particular do país, além de ser uma de suas mais belas casas de espetáculo *(Nota de Yolanda L. dos Santos)*.

Guarany: lusitana criação

O registro das relações teatrais luso-brasileiras no início deste século, encontra na figura de Francisco Santos, um claro testemunho da trajetória percorrida por muitos artistas que, vindo ao Brasil, aqui ficaram cativados pelos encantos tropicais.

Nascido[1] na cidade do Porto, em 16 de janeiro de 1873, Francisco Santos era afilhado de Camilo Castelo Branco e, desde cedo, escolhera o meio artístico para afirmar-se profissionalmente.

Chegara ao Brasil em janeiro de 1903, como ator integrante da companhia do Teatro do Príncipe Real, de Lisboa. Aportando em Belém do Pará, a companhia lusa realiza diversas apresentações naquele estado e no Amazonas. Em Manaus, a febre amarela derruba muitos atores. A companhia parte sem vários integrantes, e Francisco Santos, bastante doente, fica aos cuidados do senhor Francisco Vieira Xavier. Nascia aí uma forte amizade, decisiva para a vida dos dois e para o cenário cultural brasileiro.

Com o apoio de Xavier, Francisco Santos organiza uma companhia teatral e começa a viajar pelo país[2], inclusive Uruguai e Argentina. Em 1912, a companhia é dissolvida após apresentar-se em Pelotas, onde parte do elenco fixa residência[3]. Santos e Xavier também ficam, e montam

uma fábrica de filmes que inaugura a produção cinematográfica no Rio Grande do Sul - o chamado "Ciclo de Pelotas" do cinema nacional.

Na Guarany Films, serão produzidos dezenas de cinejornais, vários curtas e até o primeiro longa-metragem de ficção do cinema nacional[4]. Com os primeiros lucros conseguem arrendar o Coliseu e exibem suas produções. O grupo de atores que atua nos filmes, também apresenta-se nos palcos de Pelotas e Rio Grande sob o nome de Companhia Dramática Francisco Santos. As coisas iam muito bem, até que eclodiu a 1ª Guerra Mundial, tornando quase impossível a importação de filme virgem. A fábrica acaba fechando.

Depois de rápida experiência como proprietário de uma gráfica, e diretor-criador da Companhia Cidade de Pelotas, Santos busca segurança na atividade de exibidor. O mercado é dominado por duas fortes empresas, a Del Grande & Cia e a Ideal Concertos, assim mesmo a parceria Santos-Xavier prospera. Logo, percebem que ter a própria sala exibidora é necessidade vital. Acalentam a idéia de construí-la, mas há um detalhe: o cine-teatro que almejam é tão monumental, que os recursos disponíveis são insuficientes.

É preciso, então, buscar mais capital junto a terceiros. Neste momento, como principal financista do arrojado empreendimento aparece em cena um espanhol: o coronel Rosauro Zambrano, influente agente comercial e empresário lotérico. Assim, capital assegurado, é constituída a empresa Santos, Xavier & Cia (depois Zambrano, Xavier & Santos).

Para amplo conhecimento público, o primeiro indício da grande obra estar a caminho surgiu, na imprensa, a 24 de agosto de 1919:

"NOVO TEATRO.

Foi assinada ontem em cartório, a escritura de compra do espaçoso terreno e propriedades à rua Gonçalves Chaves, esquina São Paulo[5], onde vai ser levantado um grande e modernoso teatro. Foram compradores os senhores Francisco Santos, Xavier e outros. A transação foi efetuada pela quantia de 80 contos de réis. A construção da nova casa de espetáculos está orçada em 400 contos de réis".

Esta nota é de extrema importância, pois traz à tona a verdade irrefutável. Há tempos circula uma história sobre o motivo pelo qual foi construído o Theatro Guarany. Conta-se que, de certa feita, o coronel Zambrano teria ido com a família assistir um espetáculo no Sete de Abril. Lá chegando, constatou que seu camarote estava ocupado. Apesar de pedir explicações e providências não conseguiu mudar a situação. Indignado, Zambrano retirou-se dizendo que nunca mais poria os pés naquele teatro, e que iria construir um maior, mais bonito e mais confortável.

Esta é uma das tantas mistificações a que nos referíamos no início desta obra. O episódio até pode ter acontecido, mas não possui relação alguma com a construção do teatro. Engedrou-se este "causo", cremos, muitas décadas depois da inauguração do teatro, quando Santos e Xavier[6] já haviam falecido. Se alguma dúvida paira sobre este assunto, o noticiário veiculado à época da inauguração é bastante claro, como veremos.

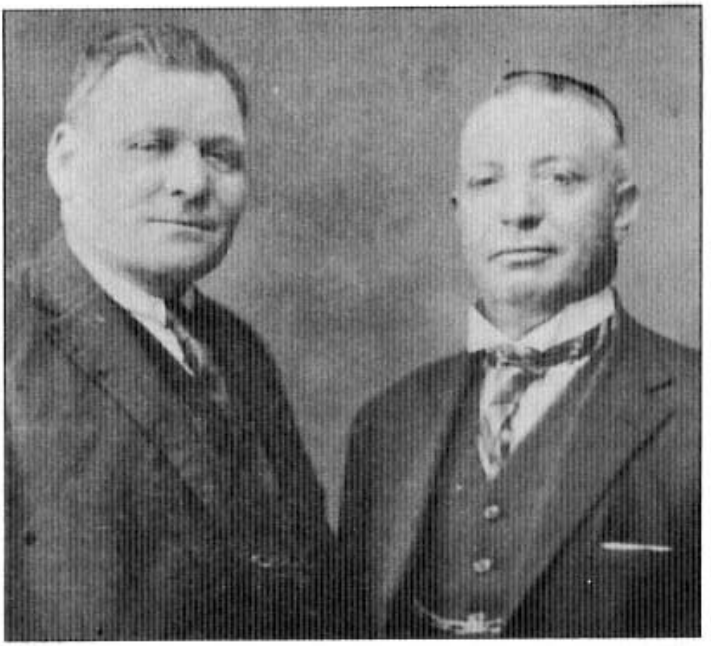
É oportuno ressaltar que a sociedade pouco durou, e já em 1922, Zambrano despontava como único proprietário do teatro[7]. Nos Anexos, transcrevemos carta onde Francisco Santos recorda fatos que causaram a desavença.

Quanto à denominação do teatro, não há dúvida de que foi escolhida pelo próprio Francisco Santos. Além das inúmeras atividades no teatro e cinema, ele era aficcionado dos espetáculos líricos, tendo, inclusive, escrito libretos[8]. Talvez nem houvesse lido o romance de José de Alencar[9], mas é provável que nas andanças pela Europa, ou mesmo no Brasil, tenha assistido à ópera de Carlos Gomes. Já em 1913, batizara de Guarany a sua fábrica de filmes; no ano seguinte, abriu uma gráfica com o mesmo nome. A imprensa, em 29 de novembro de 1919, assim identificou o novo teatro:

"Theatro Guarany.

Na próxima segunda-feira terão início as obras de um grande teatro que terá a denominação de Guarany. A Empresa Xavier, Santos & Cia., sua proprietária, vai construí-lo no espaçoso terreno à rua São Paulo, esquina G. Chaves. Às 10 horas daquele dia haverá ali uma reunião, fazendo-se ouvir uma banda de música".

É oportuno ressaltar que a data prevista para a inauguração, pretendia homenagear a efeméride dos 50 anos - Jubileu de Ouro - da estréia da ópera *O Guarany*, em 1870, no Teatro Scala de Milão. Daí a data de 1920 estampada na fachada do teatro, embora, devido a inúmeros contratempos, a inauguração só tenha ocorrido no ano seguinte[10].



Vieira Xavier e Francisco Santos

Rosauro Zambrano
(1846-1927)

1) Filho do jurisconsulto José Dias Ferreira e de dona Urbana Dias Ferreira dos Santos. Faleceu em Bagé, em 18 de junho de 1937, aos 64 anos.

2) Em maio de 1909 chega a Pelotas, fazendo 35 funções no Sete de Abril. No mês anterior, cumprira aplaudida temporada no Theatro São Pedro de Porto Alegre.

3) Atores comos os irmãos Pera, Abel e Manoel, ancestrais de Marília, Jorge e Graziela Diniz; Oscar e Clotilde Duarte; Oscar Araujo, Pinto de Moraes e Ribeiro Cancella.

4) *O Crime dos Banhados*, com oito partes e 2400 metros. Sua estreia ocorreu a 23 de março de 1914, no Cinema Iris, em Pelotas.

5) Atual Rua Lobo da Costa.

6) Francico Vieira Xavier morreu em Pelotas, em 1934.

7) O rompimento levou os ex-sócios a criarem a empresa Xavier & Santos, que arrendou o Sete de Abril de 4 de maio de 1922 a 30 de abril de 1929. Os empresários também construiram três cine-teatros: em 1925 e 1926, os populares Apolo e Avenida, e em 1929, o requintado Capitólio. Investindo em Bagé a empresa construiu, em 1933 e 1935, o Capitólio e o Apolo.

8) Em 30 de janeiro, por exemplo, estreava no Sete de Abril a opereta *Zig Zag*, escrita por Francisco Santos e musicada pelo maestro Humberto de Fabris.

9) Nos Anexos referenciamos o autor e sua obra, bem como Carlos Gomes.

10) Em 1921, assinalava-se os 25 anos da morte de Carlos Gomes.

Obras aceleradas

No terreno adquirido para a construção do teatro, existiam alguns velhos prédios, ruínas de fato, que demandaram algum tempo para sua demolição. Daí, talvez, o motivo para o início das obras não ter merecido, como era de costume, o lançamento de uma pedra fundamental. A seguinte nota, publicada na imprensa local, em 2 de dezembro de 1919, é esclarecedora:

"THEATRO GUARANY. Conforme fora anunciado, teve lugar ontem a inauguração dos trabalhos de construção do teatro denominado "Guarany", que a empresa Santos, Xavier & C. vai levantar no espaçoso terreno à Rua São Paulo, esquina da G. Chaves. O ato teve caráter festivo, comparecendo grande número de pessoas, representantes da imprensa, uma banda de música, etc.

Os primeiros tijolos de um muro do terreno foram derrubados à picareta pelo senhores Francisco Santos e Francisco Xavier Vieira, sócios da Empresa, Dr. Raul Zambrano e Arthur Zambrano, filhos do Sr Rosauro Zambrano, também sócio da empresa, João e Pedro Rodrigues, construtores e Stanislau Szarfarki, organizador da planta. Falou, saudando a nova empresa o sr. Dr. Alberto Gigante. Aos presentes foi oferecido um copo de cerveja".

Houve, pelo visto, uma derrubada fundamental. Em verdade, a construção só foi iniciada a 4 de fevereiro de 1920, depois da área estar limpa e devidamente nivelada.

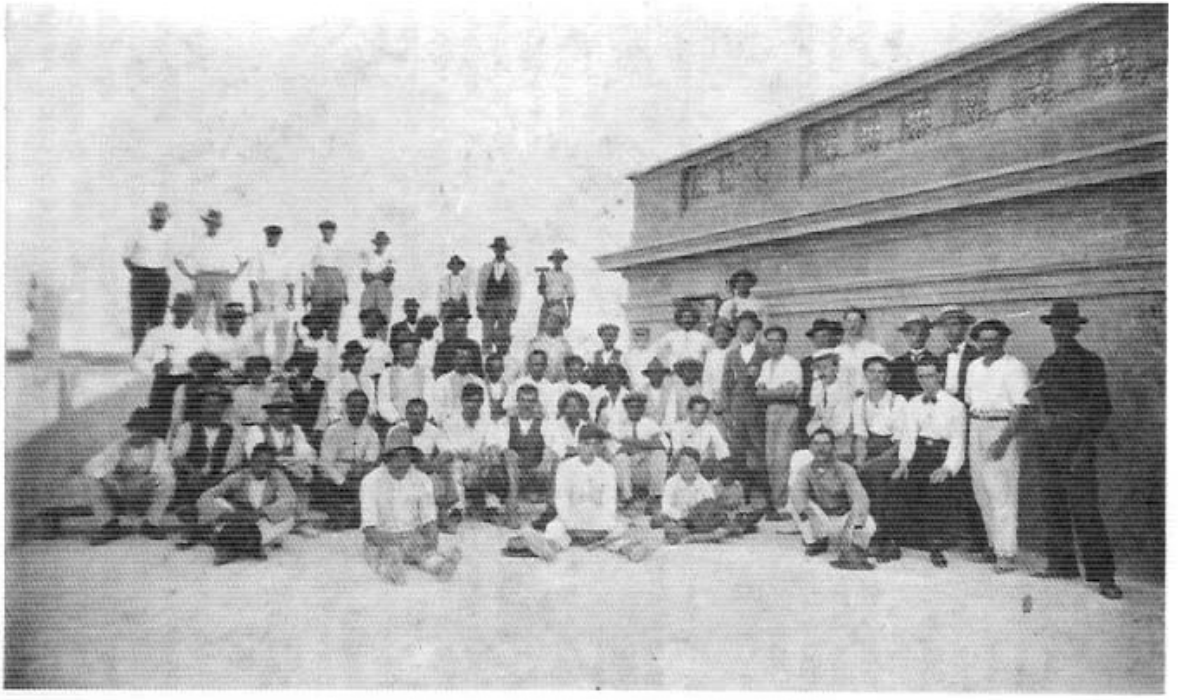
Durante quase todo o verão daquele ano, procedeu-se à demolição dos antigos prédios e retirada de entulhos. Os trabalhos estavam sob coordenação da empresa Rodrigues & Cia.

A construção ocupou cerca de 150 operários[1], que trabalharam durante quatorze meses, divididos em várias turmas. Muitas vezes a jornada era ininterrupta, como revela a seguinte nota, publicada em 15 de maio de 1920:

"O trabalho principal consistia na cobertura, a cimento armado, de 340 metros quadrados de piso do terraço da galeria. Esse serviço não podia ser interrompido e assim,trabalhou-se sem cessar, durante 39 horas e meia, tempo que foi preciso, sendo que à noite os operários eram substituídos por novas turmas. Outros serviços de monta estão sendo executados, devendo em breve ser colocada a enorme cúpula, toda de ferro, prestes a chegar".

Segundo as informações colhidas em publicações da época, não foi registrado nenhum acidente de trabalho durante a construção. Nos últimos dias, aproximadamente 50 operários trabalhavam à noite, acelerando a labuta e dando os retoques finais[2]. A revista *Ilustração Pelotense* estampava a expectativa reinante:

"Prosseguem ativamente as obras de construção do Theatro Guarany. O alteroso edifício, que será inaugurado brevemente, com grande solenidade, é uma afirmação eloquente do quanto pode a iniciativa particular seguida de eficiente e contínua dedicação ao trabalho. (...) O Theatro Guarany vai ser, como já é o Ponto Chic, um aprazibilíssimo local de diversão, onde se reunirá o nosso escol social".



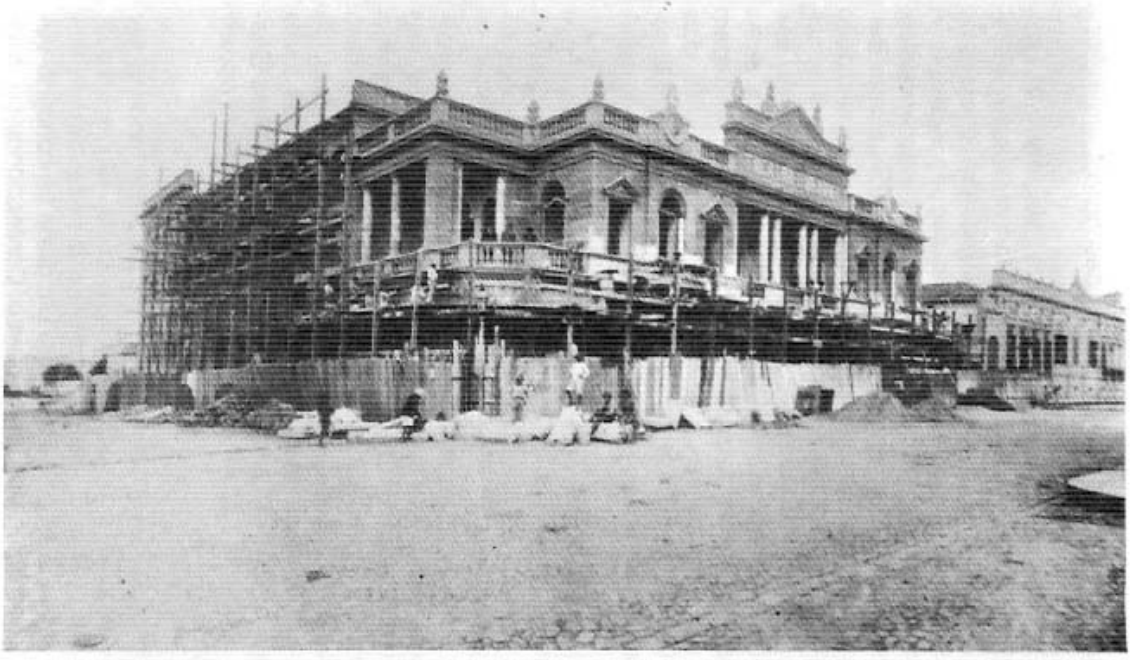
Na pausa da obra, a pose dos operários (Foto C.Sintichs)

A cúpula metálica do teto, anteriormente citada, teve como fornecedor a empresa Basena & Hijos, de Buenos Aires, enquânto os gradis dos camarotes e a marquise vieram da Fundição Indígena, do Rio de Janeiro. As pinturas, bem como as decorações, foram realizadas por Willy Schmidt e Joaquim Lamas Filho.

As peças e trabalhos em mármore italiano, foram fornecidas e executadas pelo escultor Angelo Giusti; os mosaicos pela empresa Alfino & Nogueira, enquanto a colocação e fornecimento de vidros foi realizada pela Vidraçaria Diniz & Cia.

As tapeçarias, reposteiros, galerias de fino metal, as guarnições de veludo rouge dos parapeitos dos camarotes e as cortinas, vieram da Colchoaria Pelotense, de Antenor B. de Farias. O pano de honra do teatro veio da Itália, sendo na cor grenat sobre fundo azul, fingindo cortina. A mobília da platéia e camarotes foi fornecida pela fábrica W. Gerdau, de Porto Alegre[3]; as poltronas, "muito elegantes e úteis", tinham compartimento para guardar chapéus e agasalhos. A mobília do salão e da secretaria veio de Buenos Aires, enquanto a dos *buffets* e *bars* da empresa Rocco & Cia, de Pelotas. As instalações elétricas foram realizadas por José Garcia e João e Pedro Bordon. O teatro foi todo construído sob modernos planos, em cimento armado, por obra dos construtores Rodrigues & Cia.

Na vasta lotação, contam-se 81 camarotes - de 1ª e 2ª ordem -, seis dos quais no proscênio (palco); 1088 lugares de platéia, com 352 poltronas estofadas e as restantes sendo em cadeiras de palhinha, divididas em duas classes: 1ª e 2ª. São 46 os camarotes de 1ª ordem, sendo 2 no palco; e 35 os de 2ª ordem, sendo 4 no palco. As gerais compreendem 1200 lugares[4].



O teatro inacabado e ainda sem telhado

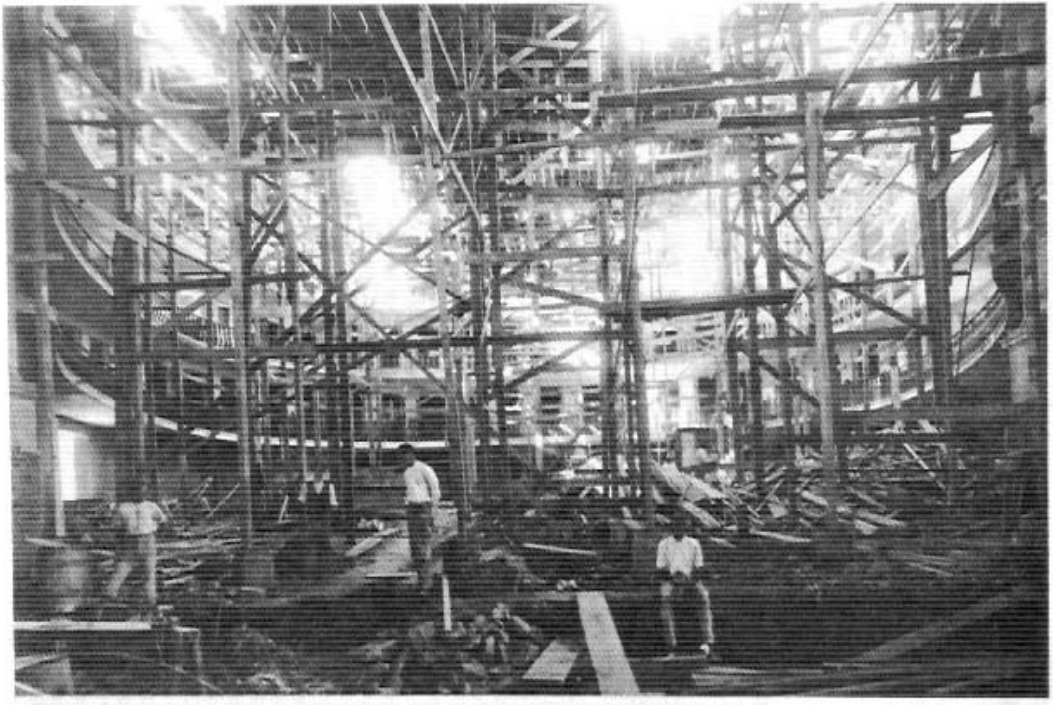
Acompanhemos esta detalhada descrição:

"Os camarotes são dotados de antecâmaras, com cabides, espelhos bisauté *e elegantes conversadeiras. Espaçosos corredores e escadas independentes comunicam essas dependências com os salões, saguão e platéia. A geral é servida por duas largas escadarias independentes, tendo para recreio um amplo terraço ao ar livre com* Bar. *À frente, o átrio, com as bilheterias; em seguida, o saguão amplo e confortável, tendo aos lados as escadas principais para os camarotes e salões, escadas amplas, elegantemente lançadas em mármore e ferro. Sobre estas escadas, dois passadiços que dão serventia e passagem aos terraços laterais do salão* (foyer). *Junto a este, dois pavimentos, um destinado ao bar elegante e outro à secretaria do teatro.*

Luz e ar magnificamente distribuídos. O palco,cuja boca é uma das maiores do mundo, oferece todas as facilidades às mais difíceis montagens, tendo acomodações luxuosas para os artistas.

A platéia tem a forma de uma ferradura, com três corredores centrais e dois pelos lados, sob os camarotes. Um amplo corredor corta a platéia de lado a lado, também circundada por amplos corredores onde há instalações sanitárias (há toilletes *e copas para homens e senhoras, no térreo e andares superiores). Há quatro portas de saída para o saguão do teatro, três para a Rua Gonçalves Chaves e três para o bar geral, ao ar livre em sentido oposto ao da rua".*

Uma orquestra com cerca de 60 músicos, poderia ser perfeitamente acomodada no espaço a ela reservado, frente ao palco. E, para garantir certas necessidades instrumentais, a empresa adquirira um piano de concerto Vebel & Lechleiter, da Casa Schwab. Confeccionou-se, para a grandiosa boca do palco, um pano com 13,5 metros de



Conjunto de andaimes no interior do teatro (Foto C.S.)

largura por oito metros de altura. Diferenciando-se do comum, o pano foi projetado como um painel publicitário, destacando "reclames" de casas comerciais e industriais ao lado de belas ilustrações.

"Na parte central, ao alto, vê-se na boca de cena e no cenário, um trecho do sertão brasileiro, com sua vegetação soberba e alterosas montanhas guardadas por um belo índio guarany. Nos cantos, na base, estão duas hermas: de José de Alencar e Carlos Gomes, o romancista e o musicista do lindo romance e da aclamada ópera nacional - O Guarany".

Foi responsável pela execução dos desenhos e pintura do pano, o "hábil e imaginoso" cenógrafo Alfredo Machado.

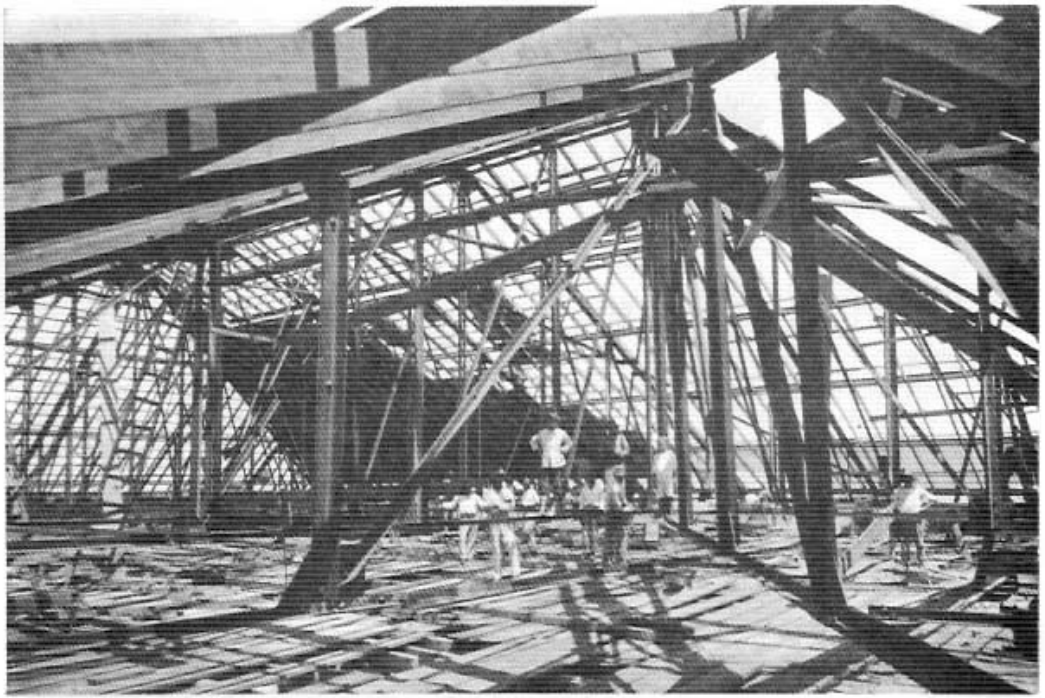
---

1) A absoluta maioria eram negros, como revelam fotos da época. Da mesma forma que, hoje, operários humildes - negros ou não - não têm acesso aos luxuosos prédios que constroem, aqueles operários ergueram um teatro que não podiam frequentar. Sobre a proibição de negros nos cine-teatros, o que não era exclusividade de Pelotas, há um fato envolvendo o Guarani (equivocadamente, outra versão cita o Capitólio). A história: "Nos áureos tempos do Guarany, programação atraente, negro forasteiro compra ingresso e chega à portaria. Informa-lhe o porteiro que a entrada de negros é proibida. Insiste, mas é em vão. Ocorre que o rechaçado espectador era um tenente da Marinha brasileira, cuja embarcação ancorara em Pelotas. Revoltado, vai até o barco onde veste seu garboso uniforme de oficial. Retornando ao teatro, ele insiste em entrar. O porteiro, perplexo e embaraçado, dirige-se ao patrão: "Coronel, aquele negro voltou. Ele é tenente da Marinha! O que é que eu faço?" Da poltrona à esquerda da entrada, após rápida olhadela, veio a resposta: "Nesse caso, vamos deixar que entre a farda". Se às portas do século XXI persistem deploráveis manifestações de racismo, há 70 anos passavam como "normalidade", ainda mais numa cidade em cujas ruas circulavam ex-feitores e ex-escravos *(Nota de P.H.Caldas)*.

2) O essencial estava pronto, mas inúmeros detalhes foram concluídos nos meses seguintes.

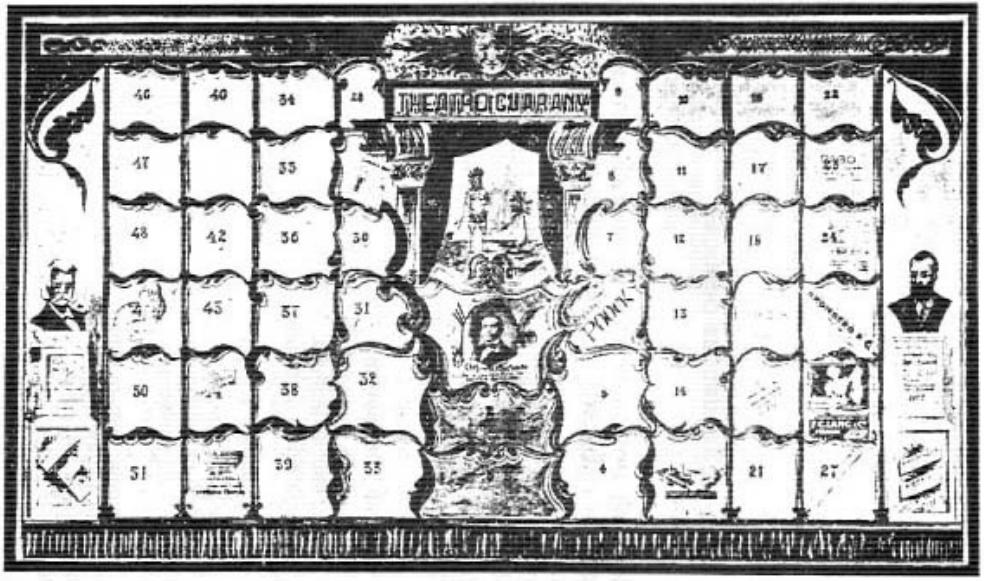
3) Em 17 de agosto de 1920, um jornal informava que por uma das chatas da Companhia Hamburguesa, os proprietários do Theatro Guarany (Xavier, Santos & Cia) haviam recebido, de Porto Alegre, 75 amarrados de cadeiras e 103 poltronas.

4) A empresa lançou, provavelmente após a inauguração, um folheto indicando a lotação livre para venda: 36 camarotes de 1ª; 40 camarotes de 2ª; e 316 poltronas. Mais: 186 cadeiras de 1ª; 515 cadeiras de 2ª; e 222 paraísos numerados, totalizando 900 (ou 923?) gerais. Também havia 25 camarins para artistas. Deduz-se que a lotação original foi redimensionada, tanto para a instalação da cabine de cinema, como para oferecer maior espaço à orquestra. Posteriores modificações deixaram o teatro, atualmente, com acomodações para apenas 1200 espectadores.



Colocação da cúpula metálica do telhado

As obras no salão de entrada (Foto C.S.)



Projeto do pano de boca do teatro

Saudações poéticas

Nos dias que antecederam e sucederam a inauguração do Guarany, foi publicada no *Diário Popular* uma série de quadras poéticas. Ao mesmo tempo em que saudavam o evento, enalteciam a abolição da casaca[1] e sugeriam a tomada de assinatura. Foram anônimas manifestações de um escriba[2] entusiasmado, que declarava seu apreço pela arte, pelo teatro, pela cidade.

Pelotas, terra bendita,
Sempre linda e abençoada,
Em teu seio, se acredita,
Mora o gênio de uma fada

Possui encantos e a dita
De tua gente afeiçoada
Tornando-se sempre catita
Mais e mais aprimorada.

Dão-te galas, dão-te brilhos
Amigos e caros filhos,
Vaidosos todos de ti.

E dessa linda harmoniosa
Surgiu a idéia graciosa
Do Theatro Guarany.

Se vivo fosse Camões
Hoje o mundo assombraria
- Num poema de Titãs
O Guarany cantaria!

O Guarany sombranceiro
Que alteroso se levanta
Dos teatros é o primeiro,
A todos os mais suplanta.

Cada dia cresce a idéia
E mais se afirma a ansiedade
Do Guarany, pela estréia,
Por toda a nossa cidade.

Se é elegante, com certeza
Faz sempre boa figura;
No Guarany com presteza,
Já tomou assinatura.

Para o sucesso completo
Da arte em nosso estado
O Guarany, predileto
Será, em breve, inaugurado.

Vai o Theatro Guarany
Dentro em pouco funcionar
E o povo todo daqui
Justo apoio há de lhe dar.

A violeta por modesta
Não deixa de ser formosa.
Todo o mundo lhe faz festa
Por gentil e perfumosa.

Assim também como a esta
Flor querida e venturosa
A Arte o seu culto presta
A singeleza radiosa;

E por isso, muito embora
Pomposo e grande, nesta hora
O Guarany se destaca

Por modesto e desprendido
E a todos faz um pedido!
-Deixem de lado a casaca!

Se o Padre Santo futura
O gosto que impera aqui
Depressa uma assinatura
Vem tomar no Guarany.

O Kaiser, que fez figura
Vai embarcar para aqui
Pra tomar assinatura
No Theatro Guarany

Já não existe apertura:
- Quer homem seja ou guri
Tudo toma assinatura
No Theatro Guarany.

Judas torva criatura
Veio hoje enforcar-se aqui
Não lhe deram assinatura
No Theatro Guarany.

Este vale de amargura
A vida agora sorri:
- Basta ter assinatura
No Theatro Guarany

Pelotas vaidosa e avara
Do Guarany, com paixão
Toda ufana se prepara
Pra grande inauguração

O Guarany, que imponente
Se alteia, d'honras seguro
É o orgulho do Presente
E a epopéia do futuro.

São Pedro, do céu na altura
Continuamente sorri
- Conseguiu assinatura
No Theatro Guarany

O Guarany democrata
Dentro de sua imponência
Sem refolhos se retrata
Modesto por excelência.

Quem com lírica "serata"
Na comédia que desata
Do riso a mais pura essência.

Como numa brejeira opereta
Será abolida a etiqueta
Toda a casaca suspensa.

Pois como lei suntuária
O rigor da indumentária
No Guarany se dispensa.

Eis quase o dia chegado
Da alegria e do ruído
O Guarany inaugurado
Vai ser com brilho devido.

O feito audaz esperado
Foi finalmente vencido,
E o teatro ambicionado
Ei-lo Pelotas, erguido!

Recebamô-lo orgulhosos,
Entre aplausos carinhosos
Com festas, risos e flores.

O grande feito saudemos,
Dos nossos peitos soltemos
Um "hurrah" aos seus fundadores!

Do Guarany sem rival,
Um forte aperto de mão
A empresa tão ideal
Pela nova instituição
Da assinatura mensal.

Quem quer que se preze ser
Do teatro habitual
No Guarany há de ter
Assinatura mensal.

Tudo se agita contente
Para a lírica estação
Que o Guarany, imponente
Prepara com régia mão

Desde o sul do Equador
Desde a fronteira a Amary
Só se fala, é com louvor
No Theatro Guarany.

Bravos! Bravos! Muito bem!
Repete-se aqui e ali,
Pelotas, garbosa, tem
O soberbo Guarany

Traduzido em realidade,
O Guarany, com sucesso
Mostra a sua majestade
Para a Arte dar ingresso.

Ei-lo o fruto da vontade
D'homens fortes em excesso
Amigos nesta cidade,
Vanguardeiros do progresso!

Novos foros, à Princesa,
De cultura e de grandeza
O Guarany vem lhe dar.

Saiba Pelotas em peso,
É o povo todo coeso
Com amor tal feito amparar.

Trombetas atroem os ares,
Hinos ressoem no espaço,
Em festas, risos, cantares
A cidade hoje se inflame.

Troquem em risos os pesares,
Reunido, num grande abraço,
O povo inteiro proclame:
Guarany - re! E os saudares.

Unânime, confortadores,
A cidade, triunfante,
Risonha, aos seus fundadores
Acorda de coração,
Numa ovação delirante,
Imensa, por gratidão!

Inteiro o povo/ hoje sorri
Ao ver o novo/ Guarany.
Mesmo a matrona/ ei-la a correr
Pra uma poltrona/ só obter.
Assinatura/ tudo disputa
E o Santos jura/ nessa luta,
Ficar perdido/ por não poder
Tanto pedido/ atender.
Mas logo sorri/ ao ver, feliz
Que o Guarany/ é "suco"-bis.

A Princesa se engalana
Para alegre festejar
O Guarany, pois que se ufana
Breve o vai inaugurar.

A Princesa se engalana,
Quer ser a cidade sem par;
E orgulhosa qual sultana
Para o Guarany saudar.

A Princesa se engalana
Do Guarany em redor
A animação toma vulto,
Todos querem com fervor
Prestar-lhe zeloso culto.

Eis chegada a enorme dita,
Vai Pelotas se adornar;
Está na hora, o povo grita,
Do Guarany inaugurar.

Pelotenses, preparai
Vossos melhores ardores,
E o Guarany inaugura
Com palmas, louros e flores.

Corre o tempo e os dias voam
Com grande celeridade,
E os arautos apregoam
A nota da atualidade.

Aos ouvidos já ressoam
Aplausos mil; a cidade
E todos que a povoam
Soltam brados de ansiedade.

É o Guarany suntuoso,
O teatro majestoso
Que se vai inaugurar.

Faltam horas, faltam dias,
Haja risos e alegrias,
Estrujam as bombas no ar!...

Há no mundo maravilhas
Em prosa e verso exaltadas,
Oásis, ridentes trilhas
E paisagens encantadas.

Umas dos homens são filhas
Outras - ó mãos esmeradas
Tecedeiras de mantilhas -
À natureza são dadas.

E agora para a grandeza,
Para o esplendor e realeza
Desta Princesa do Sul.

O Guarany - maravilha -
Obra ingente, hoje aqui brilha
Sob o nosso céu azul.

Vai um alvoroço enorme,
Um reboliço sem par,
A cidade hoje não dorme
Para o Guarany saudar.

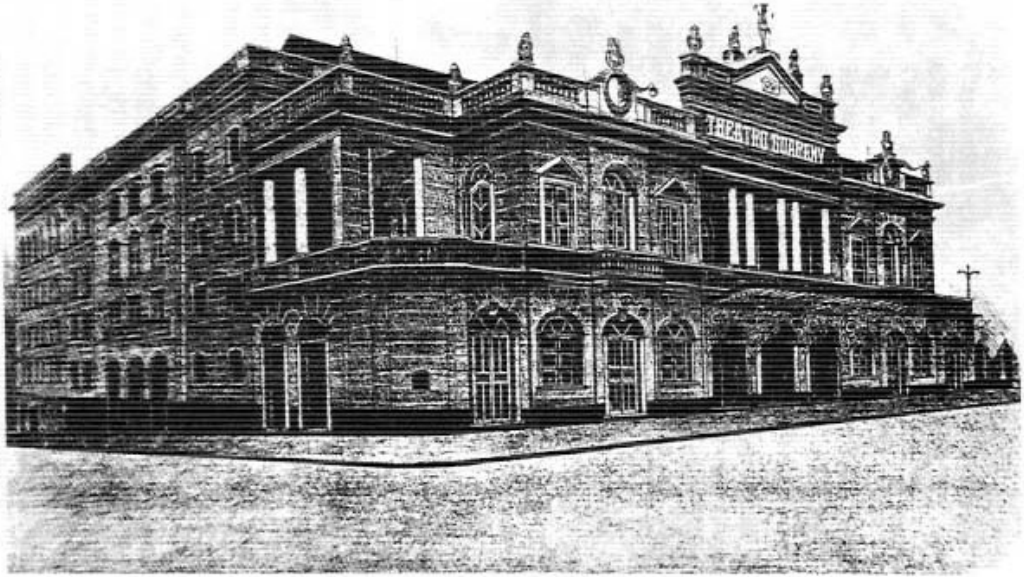
Todos querem a porfia
Levar o seu parabéns
E a Princesa se atavia
Com requisitos, qual ninguém.

E o Guarany majestoso
Que só espera o amparo nosso,
Ao povo, diz carinhoso:
- Eis-me aqui, sou todo vosso!

---

1) Os ditames elitistas do Sete de Abril exigiam o uso da casaca, restringindo o acesso de grande parte da população.

2) Acreditamos que fosse Pedro Vergara (1893-1979), poeta, jornalista, advogado, ensaísta e político. No início dos anos 20 ele atuou como diretor de redação do Diário Popular, órgão do Partido Republicano. Vergara granjeou notoriedade por radicalizar a linha editorial do jornal, atacando, sem "papas na língua", os adversários dos "chimangos". Desde 1912 publicou obras poéticas, políticas e jurídicas. Lembranças que lembram, livro de memórias, foi publicado em três volumes nos anos de 1976, 1979 e 1982.



Poster litográfico do teatro

A grande noite

A semana que antecedeu a inauguração do teatro, provocou um alvoroço raramente visto na cidade. Nos cafés, confeitarias, colégios, feiras e esquinas, só se falava no Guarany. Os de melhores posses compravam às lojas, ou encomendavam a costureiras e alfaiates, os trajes para a grande noite; outros, mais humildes, buscavam ajeitar o viço perdido de suas vestimentas.

Felizmente, para a grande maioria, o novo teatro não exigia o uso da casaca. Informavam os cartazes e a imprensa:

"Nota: traje a vontade do espectador".

Diante de tanta expectativa, a procura por ingressos foi fenomenal. Boa parte deles ficou nas mãos dos cambistas, que adquiriram, especialmente, os ingressos para a platéia, revendendo-os a preços absurdos. Os protestos foram grandes. Na estréia, os preços oficiais (em réis) eram os seguintes:

Camarotes de 1ª	60$000
Camarotes de 2ª	45$000
Poltronas	12$000
Cadeiras de 1ª	10$000
Cadeiras de 2ª	7$000
Cad.últimas 5 filas	5$000
Paraísos numerados	3$000
Geral	2$500

Para toda a temporada da Marranti os ingressos custavam:

Camarotes de 1ª	450$000
Camarotes de 2ª	300$000
Cadeiras de 1ª	90$000
Cadeiras de 2ª	75$000
Poltronas	55$000
Cad.Últimas 5 filas	45$000
Paraísos numerados	25$000

No dia D, sábado, 30 de abril, já estavam esgotados todos os ingressos para o que seria, como se disse, um "excepcional acontecimento social". Na cidade, diziam os jornais, o interesse era geral, "quer por parte das classes mais representativas da nossa sociedade, quer daquelas que formam a grande massa popular".

Lia-se na imprensa:

"Toda a cidade interessou-se pela soberba obra com que a dotaram os srs. Coronel Rosauro Zambrano, Vieira Xavier e Francisco Santos, este, inegavelmente, a alma do grandioso empreendimento e a quem cabem as honras da benemérita iniciativa"[1].

Exatamente às 12 horas, começou a espolcar uma girândola de foguetes armada próximo ao teatro, e, no correr da tarde, intensa movimentação tomou conta das ruas adjacentes. Mensageiros chegavam ao teatro trazendo telegramas - vindos até do exterior -, além de *corbeilles* de flores. De outro lado, funcionários das confeitarias supriam os estoques dos *buffets* e *bars*, preparando bebidas, doces e salgados para o deleite noturno dos paladares.

Ao entardecer, o clima de ansiedade foi festivamente marcado pelas bandas União Democrata e do 9° BI, que, de tanto em tanto, executavam aplaudidos "dobrados".

Pouco antes das 20 horas, enquanto queimava outra girândola de foguetes, as portas do teatro foram abertas, dando passagem ao público que se aglomerava na fila. Nas diversas entradas, porteiros impecavelmente fardados recebiam as pessoas, que eram conduzidas aos lugares marcados por "acomodadores" igualmente uniformizados.

Na rua, o burburinho era intenso. Uma extensa fila de automóveis e carros (coches) avançava vagarosamente, desde a Rua 15 de Novembro e Praça da República[2], trazendo os mais abonados espectadores. Além disso, era notável a multidão aglomerada nas adjacências do teatro, curiosa de ver os que iam ter *la buena dicha*. Um jornal afirmou que na rua havia em torno de cinco mil pessoas, e que a maior parte não arredou pé, ficando a olhar os movimentos e escutando os líricos sons que escapavam de dentro do teatro.

Às 21 horas, explodiu outra girândola de foguetes para marcar a inauguração do teatro. O teatro estava absolutamente lotado, e em todos os espaços possíveis havia gente de pé. Sobre este fato, a *Ilustração Pelotense* dirla, ironizando:

"Não obstante a amplitude da casa, talvez demasiada para a nossa terra, ela se viu literalmente cheia, da platéia ao paraíso, nome este último com que, pomposa e bizarramente, a empresa construtora alcunhou os antigos e menosprezados puleiros".

O público acorrera não só de Pelotas, mas também de Porto Alegre, Rio Grande, Bagé, e cidades da região. Eram quase três mil pessoas, ansiosas, desfrutando de um raro momento.

Theatro Guarany

Hoje -- Sabbado 30 de Abril -- Hoje

Inauguração deste theatro

1ª recita de assignatura da companhia **Marranti,**

com a opera "O Guarany" do immortal maestro brasileiro

Carlos Gomes

NOTA--O espectaculo começará as 8 3|4

Traje a vontade do espectador

1398

A inauguração anunciada no *Diário Popular*

Vejamos esta descrição do ambiente:

"Tudo resplandescia e o conjunto soberano da ampla sala povoada pela beleza, pela graça, e pelos sorrisos das senhoras, a policromia dos vestuários de gala; as irisações que dos adornos e das jóias tiravam os jorros da luz elétrica; todo esse conjunto deslumbrava e dava ao ato ainda maior solenidade".

Imediatamente ao silenciar dos últimos foguetes, o maestro Marranti subiu ao estrado e empunhou a batuta. Então, os primeiros acordes da protofonia[3] de *O Guarany* se fizeram ouvir, emocionando o público.

A platéia, narrou um cronista, foi tomada de um "recolhimento profundo, estuando intimamente de orgulho patriótico, a enorme assistência era toda ouvidos para as sonoridades daquele belo trecho musical, em que se traduz a selvagem vida nativa, com o ciclo das suas brisas e o rumor das suas cascatas, a um tempo suave e doce, para logo estrepitoso e reboante, até que as últimas soando,as mãos se agitaram frenéticas, saudando vibrantemente a composição do patrício imortal".

Após, subiu o pano, e a interpretação de *O Guarany* teve início. O público era todo atenção, pois, na última primavera, Zola Amaro[4] estivera na cidade encarnando a Ceci. Havia uma curiosidade marota de saber se a Lelia Peltrinieri era melhor que *La Amaro*.

No intervalo do 1° para o 2° ato, inaugurou-se no saguão uma placa de bronze oferecida pelo "povo" de Pelotas. Coube ao senhor Antenor B. De Farias, a iniciativa de promover a homenagem[5]. A cortina que encobria a placa foi descerrada pela senhorita Zilda Maciel, a convite dos senhores Vicente Russomano, Antenor B. de Farias e Quinca Duarte.

Junto ao parapeito de um camarote, o dr. Russomano discursou e ofereceu, em nome de todos os pelotenses, a placa que "se inauguraria para perpetuidade de imorredoura gratidão àqueles cujos nomes nela ficaram gravados". A mensagem inscrita era esta:

"Aos beneméritos fundadores do Theatro Guarany, Francisco Santos, Coronel Rosauro Zambrano e Vieira Xavier, homenagem do povo pelotense - 1921".

Intensos aplausos saudaram as palavras do orador, ao mesmo tempo em que, chamados ao palco, os empresários eram homenageados com forte ovação e belas *corbeilles*. Destacava-se uma monumental lira de louros circundada por crisântemos, tendo ao centro um letreiro de folhas prateadas, em que lia-se: "Salve Guarany". Era uma oferta da casa "A Brasileira", e trazia um cartão: "Aos beneméritos fundadores do grandioso Theatro Guarany, homenagem da florista Ida N. Stosch. Pelotas, 30-4-1921". Outras *corbeilles* muito apreciadas foram as enviadas pelo C.C.Brilhante e pela florista Dª Guilhermina Luschke.

Após todas as homenagens, apagaram-se as luzes, abriu-se o pano e prosseguiu o espetáculo da Marranti.

---

1) O destaque é nosso.
2) Atual Praça Coronel Pedro Osório.
3) Melodia que os brasileiros acostumaram-se a ouvir como tema de abertura do programa radiofônico A Voz do Brasil.
4) Zola Amaro (1890-1944), soprano pelotense que fez carreira internacional, tendo seu auge nos anos 20/30. Cantou nos maiores teatros europeus como o Scala (Milão), sendo a primeira brasileira a cantar ali, regida por Arturo Toscanini; Covent Garden (Londres); Real (Madri); e muitos outros.
5) Nos Anexos relacionamos as pessoas que colaboraram com esta homenagem.

Lirismo do Prata

Encarregada de fazer o espetáculo inaugural e a primeira temporada lírica do Guarany, a Companhia Marranti[1] fora contratada em Buenos Aires. Partiu da capital argentina no dia 26 de março, a bordo do paquete "Rio de Janeiro", viajando até Rio Grande e ali embarcando no vapor "Diamantino". Chegou a Pelotas no dia 29, véspera da estréia.

Seu elenco assim formava:

Maestro, diretor e concertador: Antonio Marranti
Maestro suplente: Siro Colleoni
Sopranos: Lelia Peltrinieri, Elvira Galleazzi,
e Claudia Torni
Contraltos: Elvira Bossetti e Ema Fantuzzi
Soprano *utilito*: Lidia Lates
Tenores: Rogélio Beldrich, Julio De Luca
e Antonio Di Servi
Barítonos: Giovani Moreno, Dardo Dalba
e José Martinez
Baixos: Juan Cairo, Mario Asciutti
e Ernesto Cappa
Comprimários: Clara Walman, Alberto Poggi
e Mario Strona Sacelin
Diretor de cena: Mario Asciutti
Maestro de *ballet*: Brandolin
Maquinista: David Berta

Completavam o elenco 25 "professores" (músicos) de orquestra, 25 coristas de ambos os sexos e oito bailarinas. As decorações, vestuário e adereços procediam da alfaiataria teatral de Oreste Berti, de Buenos Aires. Os instrumentos musicais foram complementados com peças da empresa Gaudio, Bianchini & Cia., de Rio Grande, e as partituras usadas eram editadas pela Casa Ricardi (Soncogno, Milão).

Além de *O Guarany*, apresentada especialmente na estréia, a companhia também encenou:

La Gioconda, de Ponchielli (1°/05); *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini (02/05); *La Bohème*, de Puccini (03/05); *Um Baile de Máscaras*, de Verdi (04/ 05); *Mefistófeles*, de Boito (05/ 05); *Rigoletto*, de Verdi (06/05); *A Força do Destino*, de Verdi (07/ 05); *Tosca*, de Puccini (08/05); *Carmen*, de Bizet (09/ 05); *Lucia Di Lammermoor*, de Donizetti (10/ 05); *Aída*, de Verdi (11/05); *O Pescador de Pérolas*, de Bizet (12/05); *La Gioconda*, de Ponchielli (13/ 05); *Cavalaria Rusticana*, de Mascagni, e *Os Palhaços*, de Leoncavallo (14/05); *Fausto*, de Gounod (15/ 05); *Norma*, de Bellini (16/05); *La Traviata*, de Verdi (17/05).

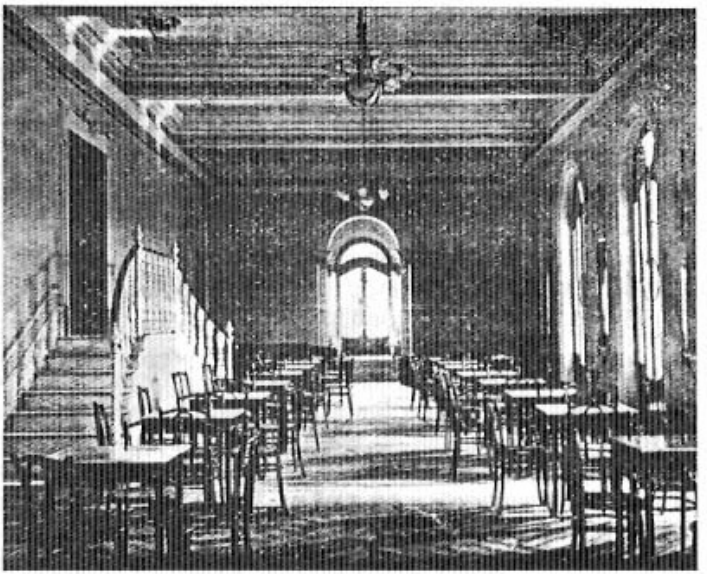
Na última récita, além de *La Traviata*, a Companhia Lírica Marranti apresentou um grande ato de concerto com *Salvador Rosa*, sinfonia de ópera de Carlos Gomes, e outros trechos líricos. No dia seguinte, os artistas embarcaram no "Diamantino" com destino a Porto Alegre, onde cumpririam temporada no Theatro São Pedro.

O repertório da Marranti também incluía: *Lohengrin*, de Wagner; *Íris*, de Mascagni; *Ernani*, de Verdi; *Madamme Butterfly* e *Manon Lescaut*, de Puccini; *Sonâmbula*, de Bellini; *Manon*, de Massenet; *A Favorita*, de Donizetti; *Fra Diávolo*, de Auber; e *Andrea Chénier*, de Giordano.

A crítica foi exigente quanto ao espetáculo, pois a ópera *O Guarany* era, no dizer de um cronista[2], daquelas que "raramente figura nos repertórios das companhias que

trabalham no Prata, onde se constituiu a Cia. Marranti. Difícil é reunir um conjunto de artistas que bem interpretem as belezas e dificuldades da partitura. Assim foi que, independente dos esforços do sr. Marranti e da boa vontade dos que nela tomaram parte, o desempenho não agradou.

É fora de dúvida que, se não fora desejo dos proprietários do Theatro Guarany em estrear com *O Guarany*, outra teria sido a impressão deixada pela primeira récita da Companhia Marranti"[3].



A sala de bebidas no *foyer* do teatro

1) A companhia estivera em Pelotas, em 1907, no Sete de Abril, mas daquele tempo só restavam o maestro Antonio Marranti e o baixo Ernesto Cappa.

2) Waldemar Coufal (1888-1967), o "Sol", o maior cronista da vida cultural pelotense durante quase cinquenta anos.

3) Coufal concluía sua apreciação lembrando que Carlos Gomes dissera: "compuz *Il Guarany* para o povo, para os mais cultos, *Schiavo*".

As repercussões

Como não poderia deixar de ser, a repercussão decorrente da inauguração do Theatro Guarany extrapolou as fronteiras locais, gerando notícias na imprensa nacional e estrangeira - especialmente nos países do Prata. De toda a parte chegaram telegramas de felicitações, em grande número enviados por empresários e artistas que conheciam Santos e Xavier como antigos teatreiros[1].

Devemos destacar que uma das manifestações mais curiosas, não há dúvida, foi veiculada pelo *Correio do Povo*, de Porto Alegre, onde um cronista assim expressou-se:

"A recente inauguração do Theatro Guarany de Pelotas - teatro que realmente impressiona pela amplidão do seu edifício, pela imponência do seu recinto e pela magnificência do seu conforto - vem recordar, neste momento, as latentes necessidades que se fazem sentir em Porto Alegre no que diz respeito às suas casas de diversões.

De há muito que precisamos de um teatro que seja realmente teatro, com todos os requisitos indispensáveis a um centro de primeira ordem, de acordo com as exigências de uma capital como a nossa, que seja ao mesmo tempo um reflexo direto do nosso progresso e da nossa cultura.

É verdade que existem aqui inúmeras casas para determinados gêneros de diversões, algumas mesmo denotam beleza e bom gosto. Mas nenhuma, absolutamente, poderá ser considerada como teatro no exato sentido dessa palavra.

O próprio São Pedro está pedindo uma justa e merecida aposentadoria[2]. Ele já prestou relevantes serviços quando o nosso meio era menos exigente. Mas, agora não. Se levarmos em conta o que avançamos e progredimos, verificar-se-á que o velho casarão da Matriz, de nada mais serve: é, uma reminiscência do passado, marcando o estágio de uma época. Há de fato a doce promessa de um teatro municipal.

Essa promessa, porém, de há muito que devia ser uma compensadora realidade. Porto Alegre assim o exige; assim o quer a cultura do seu povo".

---

1) Os méritos de Francisco Santos na vida teatral, levaram a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) a nomeá-lo seu agente em Pelotas, conforme notícia publicada em 20 de abril de 1921.

2) O Theatro São Pedro, fundado em 1858, possui lotação aproximada de 750 pessoas e é um dos teatros mais acolhedores do Brasil. No entanto, em 1973, chegou a ser interditado após décadas de descaso e de incontáveis e inadequadas reformas. Fechado, durante nove longos anos passou por meticulosa restauração, até ser reinaugurado em 28 de junho de 1984. Desde então, voltou a ser motivo de orgulho do mundo cultural gaúcho e brasileiro.

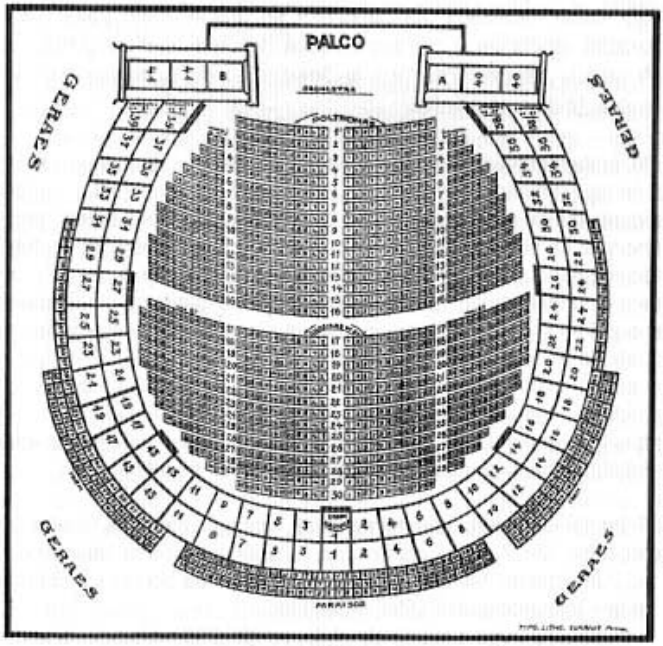
THEATRO GUARANY

PELOTAS

RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

Empresa Proprietaria:

ZAMBRANO, XAVIER & SANTOS



Lotação livre para a venda

36 Camarotes de 1.'	186 Cadeiras de 1.'
40 Camarotes de 2.'	515 Cadeiras de 2'
316 Poltronas	222 Paraisos numerados

900 Geraes

Folheto impresso pela Tipografia e Litografia Guarany, informando a lotação regular do teatro

O teatro das luzes

Um dos aspectos que mais impressionou no novo teatro de Pelotas, foi a grandiosidade de suas instalações elétricas, além da variedade e intensidade da iluminação. Na época, era algo único, espetacular. Já na noite de 22 de março, uma multidão concentrara-se diante dele para, deslumbrada, apreciar o primeiro teste do "teatro das luzes".

A seguir, apresentamos a descrição do aparato luminoso que a todos encantou.

"A instalação elétrica do teatro é totalmente canalizada em tubos de aço embutidos nas paredes, sendo dividida em 3 ramais principais e independentes entre si. O primeiro ramal é que fornece energia às dependências do corpo principal do edifício e frentes do mesmo. O segundo alimenta direta e exclusivamente o cenário e dependências, subdividindo-se em 3 quadros de distribuição: o primeiro e geral, colocado numa cabine imediatamente ao lado da bilheteria e para o controle do corpo principal do edifício: o segundo, colocado na cabine de cinema, situado ao centro da segunda ordem de camarotes, para o controle total da sala, em combinação com o da cabine de cinema e para o controle total dos efeitos de luz da cena e dos cenários e dependências.

A frente do teatro consta de dois focos de mil velas cada um e colocados em 2 artísticos braços, situados na parte alta do edifício e 2 braços do mesmo estilo, com 200 velas cada um, colocados sobre a entrada do Buffet *e Bilheteria.*

A marquise está dotada de 4 focos de 200 velas cada um é ornada com 55 lâmpadas de 50 velas, formando um bordado na beira terminal. A frente pela rua Gonçalves Chaves, é servida por 2 braços com lâmpadas de 200 velas cada um e a frente lateral do jardim, por 4 braços com lâmpadas de 200 velas cada um. Três artísticas colunas com 3 lâmpadas de 100 velas cada uma, iluminam a esquina da Rua Gonçalves Chaves e a esquina do jardim com a Rua São Paulo.

As bilheterias são servidas por 2 braços e dois plafoniers *com lâmpadas de 100 velas, respectivamente; a Secretaria, a* Bomboniére *e Bilheteria das gerais são servidas com um* plafonier

com lâmpadas de 100 e 50 velas. O Buffet da sala de espera é iluminado com 5 lâmpadas de 100 e 200 velas.

Na entrada da sala de espera existem 3 artísticos plafoniers com lâmpadas de 100 velas cada um; na sala de espera, 5 finos e artísticos plafoniers, sendo 4 com 2 lâmpadas de 100 velas cada um e um com 6 lâmpadas de 100 velas e 2 artísticas arandelas de bronze com 3 lâmpadas de 50 velas cada uma, colocadas na parede de acesso à sala.

As escadas nobres estão servidas por 6 lâmpadas-focos de 50 velas, colocadas de modo a produzirem uma luz semi-indireta, e 4 artísticas arandelas de bronze com 50 velas cada uma. O salão é ricamente iluminado por 2 artísticos lustres dotados de lâmpadas de 50 e 100 velas cada um; e 4 riquíssimas arandelas de 3 lâmpadas de 100 velas cada uma, que iluminam os 4 cantos do salão.

Os terraços adjacentes ao salão nobre recebem luz de 2 plafoniers e 4 artísticas arandelas de 3 e 2 lâmpadas de 100 velas cada uma, recebendo também nas esquinas a luz das artísticas colunas mencionadas, anteriormente.

O Buffet e o Toillete das senhoras, em correspondência com o salão nobre, estão servidos por 2 artísticas arandelas com 2 lâmpadas de 100 velas, respectivamente. Os corredores que dão acesso à platéia, camarotes de 1ª e 2ª ordens e galerias, estão servidos por 12 artísticos plafoniers, com lâmpadas de 50 e 100 velas cada um.

As antecâmaras dos camarotes são iluminadas por lâmpadas de 50 velas fechadas em artísticos globos opalinos. A sala é ricamente iluminada por um belo e fino plafonier de 1,80 metro de altura, colocado no teto e servido por 65 lâmpadas de 50 e 100 velas, fazendo pendant a um círculo com 32 lâmpadas opacas de 100 velas, acompanhando a decoração do teto e tendo 3 semicírculos de 44 lâmpadas cada um, colocados nos terminais do piso do Paraíso e camarotes de 1ª e 2ª ordem; semi- embutidas, aparecendo somente o globo da lâmpada, sendo no mesmo estilo, as colocadas no plafonier e círculos do teto, e artísticos plafoniers colocados em baixo dos camarotes de 1ª ordem e entre as portas de acesso à sala.

Nas escadas, corredores e portas de acesso ao paraíso es tão distribuídas 20 lâmpadas de 50 velas, de maneira a dar uma iluminação clara e sem excesso. Os terraços altos estão servidos por 5 artísticos braços com lâmpadas de 200 velas cada um. O palco é servido por 6 grandes gambiarras com 60 lâmpadas de 50 velas cada uma, as ribaltas com 114 lâmpadas, os batelões com 20 lâmpadas e 6 refletores, e tem uma distribuição de 12 tomadores de correntes disseminados no cenário para os aparelhos que forem preciso, podendo-se obter todos os efeitos e cores de luzes desejadas, sendo o manejo feito do quadro situado debaixo do palco imediatamente ao lado do ponto.

Os 30 camarins são servidos por 2 lâmpadas de 50 velas, colocadas aos lados do espelho do toillete *dos artistas. A sala de pinturas e o urdimento são servidos por 6 lâmpadas de 100 velas. Sob o proscênio estão a cabine do eletricista, o depósito de malas, etc, tudo servido por tomadores de corrente, de maneira a se poder colocar a quantidade de lâmpadas que for necessária.*

O cinema é ricamente servido por um esplêndido aparelho PATHÉ, último modelo, possuindo um dispositivo especial contra incêndio, e alimentado por um potente transformador, composto de motor e um gerador da afamada fábrica Marelli. A cabine foi construída com toda a segurança e à prova de fogo, sendo totalmente recoberta com chapas de asbesto e cimento. Tanto a instalação elétrica como a montagem total dos aparelhos, foi feita pela firma Garcia & Cia, desta praça, composta dos senhores José Garcia, João Francisco Bordon e Pedro Bordon, constituindo um trabalho de perfeição, digno de ver- se e que muito recomenda a empresa".

Assinaturas e teatro popular

Para cumprir sua determinação de oferecer, a grande parcela do povo de Pelotas, espetáculos a preços razoáveis, a empresa abriu a venda de assinaturas anuais. Os valores de venda eram convidativos, ou como se anunciava, "verdadeiramente significativos e comprovativos de que é apologista do teatro barato".

Saudavelmente competitiva, a medida abalava um pouco mais os privilégios, aparentemente eternos, da elite proprietária e usuária do Sete de Abril[1]. Sucede que, no velho teatro, os espetáculos ficavam praticamente restritos aos detentores de camarotes e cadeiras, ou àqueles com dinheiro suficiente para adquirir os poucos - e caros - ingressos disponíveis.

As condições da assinatura do "novel" teatro, estavam assim discriminadas:

"O assinante toma o compromisso com a empresa, de manter a sua assinatura pelo prazo de um ano, para o que receberá 12 cartões, representando um mês cada cartão. O pagamento é feito mensalmente, adiantado. Custa a poltrona para a assinatura 12$500 réis por mês. Tem o direito de assistir às sessões cinematográficas triviais e diárias, exceto as matinés, que são consideradas espetáculos especiais.

Quando o espetáculo cinematográfico, ou com variedades, sofrer aumento, de preço trivial (o que raras vezes sucederá) a posse do assinante será considerada na importância de réis por noite, pagando o assinante o excesso do preço estipulado para esse espetáculo. O mesmo sucederá nas temporadas artísticas de qualquer companhia; o assinante tem a propriedade do seu lugar, sempre considerado na importância de 500 réis, e pagará a diferença do preço que a companhia estipular. Em tal caso tem o direito ainda de utilizar-se, sem pagamento algum, do seu lugar, durante a sessão cinematográfica que a empresa dará sempre antes dos espetáculos das companhias. Caso o assinante não queira ou não possa assistir a qualquer temporada artística, não é obrigado a isso, terá que avisar a empresa ou o bilheteiro, podendo sempre assistir às sessões cinematográficas, não tendo prejuízo algum em sua assinatura.

A empresa obriga-se a respeitar o compromisso assumido, não podendo ceder a localidade assinada, em qualquer espetáculo, mesmo de companhias, sem o prévio aviso do assinante. O assinante, em caso de impedimento, pode transferir para sempre ou temporariamente, a sua assinatura a outra pessoa, a quem será facilitada a entrada, à apresentação do respectivo cartão do assinante. Caso o assinante perca o cartão, avisará a empresa que lhe dará outro, em substituição d'aquele. Das mesmas vantagens gozam os assinantes de camarotes de 1ª e 2ª ordem.

Preços mensais das assinaturas:

Camarote de 1ª .....100$000
Camarote de 2ª.....70$000
Poltronas.....12$000

Pouco depois, motivada por inúmeros pedidos, a empresa alterou a assinatura que passou a ser mensal. Atendeu, assim, às alegações de que muitas pessoas "na esta-

Cartão Postal dos anos 20: a saída de uma sessão matinal do Guarany (Foto José Regina)

ção calmosa" saíam da cidade, perdendo vantagens da assinatura. Da mesma forma, considerando diversas manifestações públicas, a empresa Zambrano, Xavier & Santos, houve por bem de criar o costume de, em toda temporada artística, dedicar um dia "às pequenas bolsas".

Observe-se que, mesmo estando os preços do Guarany muito aquém dos normalmente cobrados no Sete de Abril, considerável parcela da população tinha dificuldades em adquirir uma assinatura completa ou mesmo entradas avulsas.

A exemplo do que ocorria nos teatros de grandes centros mundiais, instituiu-se, já na temporada da Marranti, o dia do "teatro lírico popular". O primeiro transcorreu a 8 de maio, num domingo em que foi encenada a ópera *Tosca*, de Puccini.

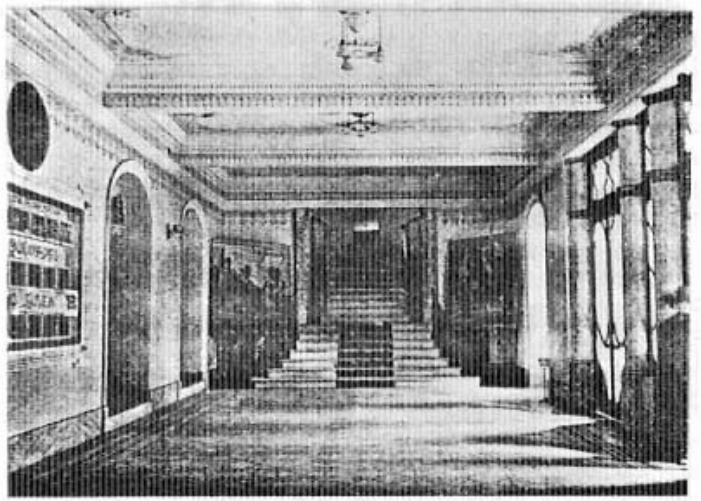
Os preços fixados para a ocasião eram os seguintes:

Camarote de 1ª	40$000
Camarote de 2ª	25$000
Poltrona	8$000
Cadeira de 1ª	6$000
Cadeira de 2ª	5$000
Últimas filas	3$000
Paraíso	1$500
Geral	1$000

Ao final deste espetáculo dominical, a ausência dos bondes causou grandes inconvenientes para o público que fora ao teatro, vindo das áreas mais distantes da cidade. No dia seguinte choveram protestos contra a *Light & Power*, empresa responsável por aquele meio de transporte[2]. Foi lembrado que tal negligência nunca acontecera quando existia apenas o Sete de Abril. Para algumas pessoas, o fato revelava a má vontade das forças conservadoras para com o teatro que ousara colocar a arte ao alcance das classes mais humildes.

UM BARÍTONO NA MATINÉ

No mesmo domingo em que estreou o "teatro lírico popular" apresentou-se, à tarde, o barítono wagneriano Ernest Overlack, da Grande Ópera de Leipzig. Trazido pela Empresa Arthur Novakowsky, fazia-se acompanhar ao piano pelo professor Angelo Célega, do Conservatório de Música de Pelotas. Cantou Wagner, Schubert, Haydn, Verdi, Beethoven e Papini. Seus maiores trunfos foram *In questa tumba oscura*, de Beethoven, e a ária da Estrela de *Tanhaüser*, bisada. Overlack realizou um segundo recital, a 15 de maio, também no Guarany.



Salão de entrada do teatro

---

1) A grosso modo, pode-se dizer que o Sete de Abril, basicamente, acolhia a chamada alta burguesia, enquanto que o Guarany veio para atender a dita pequena burguesia ascendente.

2) A *The Rio Grandense Light & Power Syndicate Limited* fora contratada em 1912, pela municipalidade de Pelotas,para o fornecimento de energia elétrica e transporte de passageiros por meio de bondes.

A primeira sessão de cinema

Acontecimento tão badalado quanto a inauguração do teatro, foi a estréia de suas sessões cinematográficas, em 18 de maio de 1921. Na ocasião, exibiu-se o melodrama *Defraudando o público* (Fox Films), em sete partes, estrelando Enid Markey. Os ingressos custavam 500 réis a platéia e 300 réis as gerais. Um enorme público não obteve entradas para a primeira sessão, tendo de aguardar o início da segunda. Foram vendidos 3 800 ingressos.

Entre 19 e 31 de maio, foi exibido *Ilusão do luxo* (World Pictures/ Brady Made), em cinco partes, com Kitty Gordon, Frank Mayo e Moriel Ostrich. A orquestra[1] que animava as sessões cinematográficas do Theatro Guarany, era então dirigida pelo maestro Romeu Tagnin[2].

ADEUS AO CINEMA MUDO

Já em 17 de dezembro de 1930, estreava o cinema sonoro em Pelotas, com uma audição especial no Guarany, onde foram recebidos a imprensa e convidados. A empresa proprietária do teatro e a Paramount Filmes, recém haviam instalado um aparelho Western Eletric, cuja monta-

gem esteve a cargo do engenheiro Charles Waltner, da W.E.

A imprensa, posteriormente, noticiou:

"Foi apresentado um filme jornal cuja projeção, modulação e compasso nada deixaram a desejar, tal a perfeição. Os dois grupos projetores com os seus amplificadores e geradores, que foram instalados no espaço de três camarotes, são a última palavra, pois possuem os últimos aperfeiçoamentos alcançados no campo da cinematografia moderna; servem para qualquer sistema de filme falado ou sincronizado.

No palco,atrás da tela, que é toda rendada, para permitir a passagem dos sons, foram instalados os três gigantescos alto-falantes com suas respectivas caixas de ressonância. Exibiu-se Alvorada do amor, *opereta com música de Victor Schertzinger, estrelando Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald".*

CINEMA EM 3-D

Uma das mais curiosas inovações da indústria cinematográfica, e que causou grande sensação nas décadas de 50/60, sobretudo quando associada aos filmes de terror. O espectador, para perceber certos efeitos do filme, tinha de usar um par de óculos especial distribuído à entrada do cinema. No Brasil foi modismo passageiro e, nos últimos anos, foram raros os filmes exibidos neste padrão. Hoje em dia virou cult.

Em Pelotas o cinema em 3-D (terceira dimensão) estreou no Guarany, a 20 de setembro de 1954, com o filme *Museu de Cera*, dirigido por Andre de Torth, com Vincent Price, Frank Lovejoy e Phillis Kirk. Na época, a administração do cine-teatro estava a cargo da empresa Cine Pelotas Ltda.

ABALANDO ESTRUTURAS

A tradição do Guarany como sala aberta às inovações, prosseguiu em anos subsequentes. Em 1977, após os trepidantes "bailes populares" de carnaval, uma equipe de técnicos montou estupenda aparelhagem sonora para o lançamento do filme *Terremoto*, com o revolucionário som sensurround, em 4 de março. O sistema utilizava uma cabine de comando para quatro canais (som quadrifônico) de trilha sonora. *Terremoto* (Oscar de melhor som) abalou as estruturas com oito torres de som, montadas nos quatro cantos do Guarany e conectadas a uma mesa de som computadorizada, que garantiram fortes emoções ao público.

Mas, naqueles tempos, outras estruturas sofriam abalos; ensaiava-se a abertura política, e a Censura definhava. Em primeira mão, filmes até então proibidos começaram a chegar à tela do Guarany. Tivemos, por exemplo:

10.11.78 - O polêmico *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, com as hilariantes "manchas pretas" que os censores colocaram para cobrir a nudez frontal dos atores;

04.09.81 - O magistral *Estado de Sítio*, de Costa Cavras, sobre a ação dos Tupamaros na ditadura militar uruguaia. Proibidos de vê-lo em seu país, os uruguaios organizavam excursões em Montevidéu e vinham assisti-lo no Guarany.

---

1) Em 10 de fevereiro de 1921, a imprensa noticiava que chegara da Itália, hospedando-se no Hotel Aliança, o maestro Paulo Lanzini, "uma das mais distintas batutas que Pelotas conhece". Ele vinha contratado como diretor orquestral do Guarany, "aproveitando as horas que lhe sobrarem com lições de música instrumental e canto". Nos anos 20/30, também há referências aos maestros Masferrer, Eloi Cellis e Boria, como eventuais regentes da Orquestra Guarany.

2) Romeu Tagnin (1892-1973), um dos mais atuantes maestros na história musical de Pelotas. Foi o primeiro regente do Coral da Universidade Federal de Pelotas.

Reformas controversas

No início dos anos 70, quando o Guarany completou seu cinquentenário, a Cine Pelotas Ltda decidiu "entregar ao famoso artista decorador professor Adail Bento Costa, a restauração daquelas partes que o tempo havia encarregado de desmerecer ou mesmo destruir".

Os principais problemas estavam no teto, onde as pinturas existentes haviam sido danificadas pela umidade. A solução encontrada foi a colocação de um novo e rebaixado teto, que, além de ocultar as pinturas, decretou a morte do folclórico "paraíso". A empresa alegou falta de recursos para justificar a não recuperação das pinturas, fato que gerou polêmica e criou um injusto estigma em torno de Adail Bento Costa.

Controvérsias à parte, o Guarany foi alvo de grandes melhoramentos. Recebeu pintura externa e interna, estas últimas sendo em "cores modernas, combinações originais e adequadas que foram habilmente empregadas pelo Prof. Adail". A decoração como um todo, também ganhou novos elementos, tais como cortinados, tapetes e passadeiras, móveis e uma "bem inspirada *bomboniére*".

Novidades técnicas também chegaram ao cinema em si, como os novos projetores Prevost, fabricados pela Cinemecânica de Milão; uma nova tela, de fitas, com 14x8 metros, disposta sobre rolamento que permitiria o deslocamento, com facilidade, até o fundo do palco, quando nele houvessem atividades cênicas. E, para complementar, um

moderno sistema sonoro - dotado de divisor de frequência - com doze alto falantes de doze polegadas, cada um, distribuídos na sala de projeção e outros cinco atrás da tela.

OS MOSAICOS E O PÚBLICO

Uma "nota reclame" publicada em 1935, informava que o Theatro Guarany, construído há 14 anos, tinha uma média mensal de frequência de 30 mil pessoas. Afirmava ainda que "5 milhões e 40 mil pessoas passaram sobre os mosaicos daquele teatro, colocados desde a sua construção, sem que os mesmos, até o momento, tenham apresentado a menor alteração. Os mosaicos do Theatro Guarany, que se conservam brilhantes e com as cores inalteradas, são produtos da antiga e conhecida Fábrica de Ladrilhos Nogueira, de Pelotas".

Passados quase sessenta anos, pode-se comprovar que os ditos mosaicos permanecem em excelente estado, atestando a alta qualidade do produto que granjeou fama para a citada empresa.

ANEXOS

Francisco Santos - um depoimento

O texto abaixo consiste na transcrição de uma carta escrita por Francisco Santos, provavelmente, na década de 20. Nela, ele narra passagens relativas à construção do Theatro Guarany, bem como alguns fatos geradores da discórdia que culminaria com a dissolução da empresa Zambrano, Xavier & Santos.

"Em abril de 1919, quando o Theatro Sete de Abril, que estava em meu poder, foi alugado a Empresa Ideal Concerto, resolvi fazer um teatro em Pelotas, teatro moderno e com todas as comodidades possíveis. Animado por vários capitalistas, entre eles o Sr. Antero Cunha, tentava organizar ou encampar uma empresa para esse fim, quando expus minhas idéias ao Dr. (sic) *Rosauro Zambrano. Porque não fazemos o teatro só nós dois, sem precisarmos acionistas? Assim estaremos em nossa casa sem dar-nos satisfações a ninguém. Ponderei que o capital seria muito , e que não deixaria o Sr. Vieira Xavier fora do negócio, por ser um elemento muito útil já pela sua honestidade, já pelos seus conhecimentos do negócio, que muito podia auxiliá-lo na minha ausência.*

Pois que entre também o Xavier, me respondeu ele, também gosto muito dele e desejo ajudá-lo. Combinou primeiramente que se faria ações, entrando cada um de nós com o capital que tivesse, e ele com todo o que fosse preciso, aberto a ações que seria obrigado a vender aos outros dois sócios, logo que eles as pudessem comprar, até igualarem o capital. Passados dias alterou a forma dizendo que era melhor igualar logo o capital, de que ficaríamos pagando, pois, e sermos sócios com igual capital e direito. Isto certamente no intuito de não perder o juro de 9% desde o primeiro dia.

Desde essa data que principiei a trabalhar dia e noite organizando a forma da construção, combinando as várias dependências com todos os dados precisos para que se pudesse, sob a minha completa direção organizar e fazer a planta do edifício.

Faltando-nos o terreno, fui ao Rio de Janeiro, tentar comprar o terreno da Rua 15 com fundos a Rua General Vitorino, trabalho sem remuneração alguma, recebendo simplesmente as despesas de viagem, como todas as que tenho feito. Voltando do Rio sem conseguir fazer a compra, continuei trabalhando até que consegui comprar o terreno onde se acha hoje edificado o Theatro Guarany.

Durante mais de dois meses, trabalhando com o Sr. Stanislau Szarfarki consegui organizar a planta do teatro, que foi submetida à aprovação da Intendência. Como surgissem dúvidas nessa aprovação, fui a Porto Alegre, submetê-la à aprovação do engenheiro dr. Manuel Itaqui, conseguindo trazer deste senhor uma detalhada apreciação que tudo resolveu.

Principiou a obra por administração dos construtores Rodrigues & Cia, que receberam 10% conforme é de prazer e costume, tomando eu a meu cargo, por se ter reconhecido ser preciso toda a fiscalização dos trabalhos, dia e noite, como é público e notório, não me afastando do meu posto durante 17 meses, senão quando por desastre fiquei ferido e estive 10 dias de cama, e para ir duas vezes a Buenos Aires, onde foi preciso contratar as armações férricas para os telhados.

Da primeira vez, fui tratar esse trabalho conseguindo uma economia enorme para a empresa, e da segunda vez, comprar todo o material elétrico, e fazer embarcar a última cobertura de ferro que estava retida em Buenos Aires. Tudo sem remuneração de trabalho, simplesmente as despesas de viagem.

Quando os pesos argentinos chegaram a 1.400 réis, quis comprar a quantidade precisa para cobrir as encomendas feitas em Buenos Aires, que só seriam entregues daí a dois meses. Cheguei a ir em companhia do sr. Arthur Zambrano ao Banco Pelotense; resolvemos, depois, esperar o sr. Rosauro Zambrano que se achava no Rio e chegaria em Pelotas, em poucos dias. Chegado este senhor, já o peso custava 1.600 réis. Informado do meu desejo, disse que não valia a pena, que a diferença seria pequena não compensando os juros que tinha de se pagar pela chamada desse capital. Quando pagamos essas faturas, tivemos de comprar os pesos a 2.100 réis e mais, o que nos trouxe um prejuízo enorme. Continuaram as obras, até que em 30 de abril de 1921, foi inaugurado o Theatro Guarany, cujas obras não estavam terminadas, continuando ainda por alguns meses.

Depois de inaugurado o teatro com a Companhia Lírica Marranti, segui com essa companhia para Porto Alegre, pois tínhamos de garantir 30 espetáculos no mínimo, sem o que ela não viria fazer a inauguração. Segui deixando tudo organizado, e instruções dadas ao sócio-fiscal Vieira Xavier, como pessoa prática para, na minha ausência, providenciar com critério.

Tinha feito contato com o Deno (Luís ?) De Torre e companhia Pinto Filho. A Deno, fez sua temporada magnífica, com bastante reclame, e com grandes receitas. Chegou a companhia Pinto Filho**, fez a sua inauguração e creio que não foi feliz; não agradou a todos. No final do 1° ato, a sra. Dª Flora Zambrano desceu do camarote, procurou o sr. Vieira Xavier e disse-lhe que mandasse descer o pano e pôr aquela gente na rua, ao que o sócio Xavier respondeu que não podia fazer isso. Em primeiro lugar por que o público tinha pago seus bilhetes; em segundo lugar que não podia pôr na rua uma companhia sem mais nem menos. Isto foi ouvido pelos senhores : Antenor... que conversaram com o sr. Vieira Xavier e que podem testemunhar tal fato.*

Ao outro dia, apesar do programa estar feito e a companhia anunciada como se prova pelo programa junto, o sócio Zambrano não consentiu que a companhia trabalhasse, atirando com ela na rua. Tudo foi feito sem me consultarem. Vindo eu de Porto Alegre para o Rio Grande, dois dias depois, com a Companhia Lírica, fui informado deste fato a bordo ao chegar em Pelotas. Vim à terra, no intuito de tudo harmonisar, quando o sócio Zambrano me participou que tinha posto a companhia na rua e que não consentia que ela trabalhasse no Guarany.

*Nada pude fazer, para não lhe ser desagradável, mas não é assim que se procede. Se a companhia é infeliz, preparam-se dois benefícios para que essa gente se possa conduzir para outro ponto, como fiz com a Companhia Gonçalves*** na 2ª temporada, mas não se atira à rua os artistas que precisam ganhar a sua vida.*

O prejuízo que nos trouxe este procedimento foi enorme, pois estes artistas foram daqui queixando-se amargamente da incorreção da empresa, criando no Rio e São Paulo uma atmosfera nublosa contra esta empresa.

Apesar destes desgostos, os negócios continuaram em harmonia, sem reclamação de despejos de reclame, sem outras reclamações, até o dia em que o sócio Zambrano, na bilheteria, num domingo, vendo o grande movimento, dissera: - Realmente, é um belo negócio e estes homens vão ganhar aqui muito dinheiro!"

(*) - A troupe De Torre estreou a 23 de maio de 1921, com o dueto comico lírico Los Corona, apresentando canções de operetas ("mais apropriadas a um cabaré", registrou um jornal); no dia 24, além de Los Corona, apresentou-se o dueto Alfredo e Vitorina De Torre com um *pout-pourri* de *Rainha do Fonógrafo*; os De Torre bisaram seu show no dia 25. Tais atrações preenchiam os intervalos do programa principal, no caso, a exibição do filme *Ilusão do Luxo*, com cinco partes, que permaneceu em cartaz entre os dias 19 e 31 de maio.

(**) - A Companhia (de revistas, operetas e burletas) Pinto Filho fez sua estréia a 1° de junho, causando polêmica com *A Mulata do Cinema*. Desconfia-se que a peça tivesse muito da sensualidade e malandragem tropical, o que talvez soasse ofensivo a certo público de uma fria cidade do sul. Segundo um jornal, "não agradou o espetáculo e foram suspensas as apresentações da companhia", que acabou indo para o Coliseu Pelotense. A programação do teatro, no restante do mês, ficou seriamente comprometida.Um dado interessante: ainda nos anos 20, o ator Pinto Filho formou companhia com a célebre bailarina Maria Olenewa, fundadora do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

(***) - A Grande Companhia Nacional de Operetas e Revistas do Teatro Boa Vista, de São Paulo, dirigida pela Empresa Gonçalves & Cia, iniciou sua temporada no Guarany em 1° de julho de 1921.

A placa que sumiu

Como se viu, meses depois da inauguração do teatro a sociedade que o dirigia chegou a melancólico final. Na continuidade, as marcas da passagem de Francisco Santos e Francisco Xavier, foram encobertas pelo pó do tempo. É claro, também houve certo esforço neste sentido, pois surgiram algumas dissimulações e até a folclórica história da fundação do teatro.

Tal "apagamento", tem exemplo bem claro: o desaparecimento da placa ofertada na inesquecível noitada de 30 de abril de 1921. Tudo começou em março daquele ano, quando abriu-se uma subscrição na Agência Sattamini (depois aquela foi para a Mensageria Pelotas), onde recolheram-se as contribuições necessárias à aquisição da placa. A maioria foi no valor de um conto de réis.

Medindo 50x70 cm, a placa fora desenhada pelo senhor Pastorello em estilo Renascença[1], e fundida na empresa do senhor João Badia. Fixada junto ao salão de entrada do teatro, trazia a seguinte inscrição:

"Aos beneméritos fundadores do Theatro Guarany, Francisco Santos, Coronel Rosauro Zambrano e Vieira Xavier, homenagem do povo de Pelotas, 1921".

Lamentavelmente, os bem-intencionados subscritores não contavam com a efemeridade das relações humanas, e quando os beneméritos empresários se desentenderam, a placa ficou sendo incômoda lembrança. Logo, logo, uma outra foi providenciada...

Apenas como curiosidade, listamos a seguir os nomes daqueles que contribuíram para a aquisição da primeira placa.

ABOTT, Raul
ABRANTES, João G.
ABREU, Antonio Rodrigues
ABREU, Arthur Faria
ABREU, Edith
ABREU, Leopoldina
ABREU, Nair
ABREU, Riquinha
AGUIAR, Oscar
AGUIAR, Ostilia
ALMEIDA, Cássio Brutus

ALMEIDA, Manuel
ALMEIDA, Tancredo R.
AMADOR, Luis
AMADOR, Osmânia
ANDRÉA, Francisco
ANDRÉA, Silvina
ANJOS, J. M. dos
APPEL, Álvaro Valença
ARAUTO
ASSUMPÇÃO, Alfredo
AZAMBUJA, Raul
AZEVEDO, Décio
AZEVEDO, Frederico
AZEVEDO, João Carlos C. de
AZEVEDO, Joaquim Mendonça de
AZEVEDO, José Tomás M. de
BALREIRA, Dr.
BALZANO, Henrique Gigante
BARCELLOS, Álvaro
BARCELLOS, Bruno
BARCELLOS, Cássio
BARCELLOS, Junius B.
BARROS, Agenor C.
BARROS, Franck
BAUCKE, Irma Olga
BAUCKE, Rosita
BELMONDY, Eugênio
BERRUTTI, Francisco
BERRUTTI, Humberto
BOECKEL, Arthur F.
BOJUNGA, Carlos
BORBA, Malaquias J.
BRAGA, Alberto Aleixo
BRAGA, Cássio
BRAGA, Fernando
BRAGA, Raul
CALEIRO, Alberto F.
CARVALHO, Cap. Antonio L. De
CARVALHO, Elisabeth
CARVALHO, Gen. Angelino
CARVALHO SOBRINHO, José A. de
CASA BORDA
CASSANELLI, Luis
CASTRO, Bernardo Madureira
CASTRO SILVA
CHAPON, J.
CONDEIXA
COSTA, Carlos
COSTA, Manuel Guedes da
COSTA, Mário Guedes da
COSTA E SILVA, Francisco V. da
COUFAL, O.
COUFAL, Waldemar
CRUZ, Luis Gonzaga da Costa
CYRILLO, Ester L.
CYRILLO, Manuel Lopes
CYRILLO, Mariana L.
DE FERRANTE, Carlos
DIAS, Francisco P. Cordeiro
DIAS, Maria F.
DIAS, Mário
DIAS, Otaviano J.
DINIZ, Alcides
DUARTE, Heitor Campelo
DUARTE, Plotino Amaro
ESMIRAGLIA, Egidio
ESPELLET, Edy
ESPELLET, J.
ESTON, José
FABIÃO, Otelo
FAGUNDES, Ary
FARIA, Álvaro Assumpção
FARIAS, João
FARIAS, Veneza
FERNANDES, Joaquim
FERNANDES, Luisa Correa
FERREIRA, José Pinto
FILHO, C.
FILHO, Manuel L.
FILLIPO, Rocco
FREITAS, José Xavier de
FREITAS, Manuel Fernandes de
GASPAR, Raul
GASTAL, Carolina Dias
GASTAL, Edmundo
GASTAUD, Alexandre
GODOY, C.
GONÇALVES, Ana Rodrigues
GONÇALVES, Olinto Vieira
GOTUZZO, Caetano
GOTUZZO, Hilário
GOULART JR., J. C.
GRANJA, Lauro G.
GUIMARÃES, Francisco Tavares

GUIMARÃES, Manuel Farias
IBAÑOS, Rodolfo
IORIO, Carlos
IRIGOYEN, Pedro
JANTZEN, Silvio R.
KINAST, Antonio
KRAMER, Joaquim
KREMER, Frederico
LANG, F. C.
LECEY, Ernesto
LENHADOR
LEITÃO, Joaquim
LEITE, Manuel V. Da Costa
LEITÃO, Conceição
LEITÃO, Eponina R.
LEITÃO, Eulália R.
LEITÃO, Maria R.
LEIVAS, Quincas
LEMOS, Antonio Duarte de
LEMOS, Dephanes Duarte
LEMOS, Francisco Alsina
LEMOS, Júlio Almeida
LEMOS, Salvador Alsina
LIMA JR., Luis Teixeira
LIZ
LOBO, Mário
LOPES, Fernandes J.
LUFINPO
MAESTRO BÓRIS
MAGALHÃES, José Cupertino
MAIA, Amanda B.
MAIA, Cândido Machado
MARCANT, Paulo
MARTINS, Cel.Lucas
MASSOT, Luis Carlos
MAURELL, Adolfo
MEIRA, José L.
MELLO,Lourenço Borges de
MENDES, J. G.
MENDONÇA, Alex Machado
MENDONÇA, Edmaro
MENSAGEIROS DE PELOTAS
MIGUEL, Elias
MONTEIRO, César C.
MORA, Edith
MORAES, Luis de
MOREIRA, Manuel de Souza
MOREIRA, Manoelito
MOURA, Vergilio
MOURGUES, A.
MOZZILLG,Miguel
NEIPP, Adolfo
NOBRE, A. C.
NOGUEIRA, José M.
NUNES, Emilio
OLIOSI, Américo
OLIOSI, José
OLIOSI, Vitor
OLIVEIRA, André José de
OLIVEIRA, Arthur Batista
OLIVEIRA, João Gaspar
OLIVEIRA, Lino S.
OLIVEIRA, Otaciano T. De
OSÓRIO, Francisco de Paula
OSÓRIO, Junius Cássio
PARADEDA, Vitor
PAULA, Manuel Ferreira
PATACÃO, José Carlos M.
PEREIRA, Arthur
PEREIRA LIMA, J. J.
PETERS, Gustavo A.
PETRUCCI, Gregório G.
PIMENTEL, Fortunato
PINTO, Antonio A.
PINTO, Armando Abreu
PINTO FERREIRA, Aristolina
PINTO FERREIRA, José
PINTO, Mário Abreu
PIRES, Claro
PRIETO, José
RAMOS, Gabriel
REIS, Francisco
RIBAS, Antonio
RIBEIRO, João
RIOS, Antonio
RIBEIRO, Agostinho Tavares
ROCCO & CIA
ROHNELT, Gastão
ROXO, Carlos A.
RUAS, Gomercindo
RUPPRECHT JR., Henrique
RUSSOMANO, Vicente
RUSSOMANO, Vitor

SALÃO BEIRA-ALTA
SALENGUE, Branca
SANJURO, Domingos M.
SANTOS, Cacildo
SCHRAMM, Carlos H.
SCHRAMM, Edgar
SICA, Armando
SICA, Carlos
SICA, Tobias
SILVA, Alfredo Soares da
SILVA, Álvaro
SILVA, Clarimundo Rosa
SILVA, José Fernandes P.
SILVA, José P.
SILVA, Severo Gonçalves da
SILVA TAVARES, José Nunes da
SILVEIRA, Carlos P.
SILVEIRA, João Francisco
SIMÕES LOPES, A.
SIMÕES LOPES, Augusto
SIQUEIRA, José da Costa
STANISCI JR., Domingos
TAVARES, José
TILLMANN, Carlos
TOLLA, Hugo
TRINDADE, Afonso
VALLE, Antonio
VASCONCELOS, Adamastor V.
VEIGA, Júlio Mattos
VEIGA, Santinha Laquintine
VENGEZ, Augusto
VIEIRA, José Francisco
VIEIRA, Mário Xavier
VILLAR, Alice
XAVIER, Francisco F.
WAGNER, Laura Nunes
WAGNER, Otávio Nunes
WERNER, Welly
WETZEL, Jorge
ZIUL

---

1) Pastorello é autor de outras placas conhecidas. No Guarany, destaca-se a comemorativa aos 100 anos da Independência do Brasil; no Sete de Abril, uma em homenagem a Zola Amaro.

José de Alencar

O mais representativo dos prosadores românticos brasileiros, nasceu em Mecejana (Ceará), em 1829, falecendo no Rio de Janeiro, em 1877. Advogado, professor, jornalista, deputado e ministro da Justiça do Governo Imperial. Começou a ser conhecido como escritor em 1856, pelas veementes cartas com que, sob o pseudônimo de IG, criticou o poema Confederação dos Tamoios, de Domingos Magalhães.

Com a publicação de *O Guarany*, em 1857, lançou as bases para a formação de uma consciência literária caracteristicamente nacional. Celebrizou-se principalmente pelos romances "indianistas", nos quais recriou, com base mais lendária do que histórica, o tipo e o mundo do silvícola brasileiro.

Também escreveu para o teatro, crítica, crônica e ensaio. Principais obras: *O Guarany, Lucíola, Diva, Iracema, As Minas de Prata, O Gaúcho, A Pata da Gazela, O Tronco do Ipê, A Guerra dos Mascates, Ubirajara, Senhora, O Sertanejo* (romances); *Verso e Reverso, O Demônio Familiar, Mãe, O Jesuíta* (teatro); *Como e por que sou romancista* (ensaio).

O Guarany

Neste romance "indianista", José de Alencar faz uma poetização do mito do "bom selvagem", simbolizando a aliança entre os colonizadores portugueses e a terra e a gente americana. A história se passa ao final do século XVI. Portugal caíra sob domínio da Espanha, reinada por Felipe II. Um fidalgo português, D. Antonio de Mariz, um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, rejeita subordinar-se aos espanhóis e resolve embrenhar-se no interior do Brasil. Constrói um solar às margens do Rio Paquequer, onde abriga a família e outras pessoas que o acompanharam na empreitada.

As terras ao redor são habitadas por várias tribos indígenas, entre elas a dos Aimorés, que logo tornam-se inimigos dos portugueses, a quem combatem. Mas, desde logo, a família de D. Antonio conta com a simpatia e a proteção de um índio da nação Goitacás, Peri. Com o passar do tempo desenvolve-se um romance entre ele e Cecília (Cecy), a linda filha de D. Antonio.

Carlos Gomes

Compositor e maestro brasileiro da "escola verdiana", nascido em Campinas (São Paulo), em 1836. É a maior figura do romantismo musical no Brasil. Fez representar sua primeira ópera, *A Noite do Castelo*, no Teatro Lírico Fluminense, em 1861. Após, veio *Joana de Flandres*, em 1863.

Indo aperfeiçoar-se na Itália, obteve a graduação de maestro-compositor, em 1866. Ali, trabalhou na ópera *O Guarani*, com a qual conquistou o mundo, e que estreou em 1870, no célebre Teatro Scala de Milão. Além de numerosas peças para piano e canto, compôs outras óperas como *Fosca, Salvador Rosa, Maria Tudor, O Escravo, Condor* e *Colombo*.

Após alcançar a glória na Europa, viveu tempos de tristeza e miséria. Nos anos finais de sua vida foi diretor do Conservatório de Música de Belém, Pará, onde faleceu em 1896.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Amarylio de. *Pequenas biografias dos grandes compositores*. São Paulo, 4ª ed., Irmãos Vitale, 1979.

CALDAS, Pedro Henrique. *Palcos e platéias* **In** *Pelotas Memória*, Vol.5, Pelotas, Nelson Nobre, 1990.

_____. *A primeira sessão de cinema: 1901* **In** *Pelotas Memória*, Vol.Especial, Pelotas, Nelson Nobre, 1992.

_____. *História do Conservatório de Música de Pelotas*. Pelotas, Semeador, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. *Uma nova história da música*. Rio de Janeiro, Ediouro, s.d.

CARRICONDE, Clodomiro C. *Álbum de Pelotas*. Pelotas, 1922.

DAMASCENO, Athos/ Guilhermino César/ Paulo Antônio Moritz/ Herbert Caro. *O Theatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, DAC-SEC, 1975.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mário. *Os filhos da escravidão*. Pelotas, Ed.Universitária/UFPel, 1993.

DUVAL, Paulo. *O 20° aniversário do Theatro Guarany* **In** *Diário Popular*, Pelotas, 30 de abril de 1941.

_____. *Apontamentos sobre o teatro no Rio Grande do Sul e síntese histórica do Theatro Sete de Abril de Pelotas* **In** *Revista do IHGRS*, n° 97, Porto Alegre, 1945.

ECHENIQUE, Guilherme. *Histórico do Theatro Sete de Abril de Pelotas*. Porto Alegre, Globo, 1934.

GOLIN, Cida/ Guilhermino César/ Luiz Paulo Vasconcellos/ Luiz Roberto Lopez. *Theatro São Pedro - palco da cultura*. Porto Alegre, IEL, 1989.

KOOGAN-LAROUSSE/Seleções.*Dicionário Enciclopédico*, Vol.2, Rio de Janeiro, Larousse, 1982.

MOREIRA, Ângelo Pires. *O cinema em Pelotas* In *Diário Popular* (Edição Centenária), Pelotas, 25 de agosto de 1990.

SUCENA, Eduardo. *A dança teatral no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundacen/MinC, 1988.

OSÓRIO, Fernando Luís. *A cidade de Pelotas*. Porto Alegre, Globo, 1922.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário Biográfico de Autores Gaúchos*. Porto Alegre, EST/Edigal, 1991.

Outras fontes consultadas: jornais *A Opinião Pública* e *Diário Popular* de 1919 a 1921, 1930, 1935 e 1954; revista *A Ilustração Pelotense*, de 1920 a 1921.

A plateia do Guarany em 25.10.94/Show de Maria Bethânia (Foto Vilmar Tavares)

PEDRO HENRIQUE CALDAS - Natural de Porto Alegre, professor, jornalista e escritor, veio para Pelotas nos anos 70, onde licenciou-se em Educação Artística na UFPel. Atuou em várias frentes culturais: teatro, produção musical, movimentos alternativos, imprensa e dança. Junto ao Ballet de Pelotas fez espetáculos e turnês pelo estado e país, recebendo premiações nos festivais de Joinville, Rio e São Paulo. Em 1988, criou o DANÇA-SUL para a Fundação Theatro Sete de Abril; o mesmo projeto originou, em Caxias do Sul, o Encontro Internacional de Dança. Em 1990 publicou *Pedro Osório, Sim Senhor! (Retrato de um município gaúcho)*; em 1992 lançou *História do Conservatório de Música de Pelotas*. Na Feira do Livro de Pelotas/1993, o seu *Zeca Netto & a conquista de Pelotas* foi o livro mais vendido. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS - Natural de Pelotas, é professora titular da Universidade de São Paulo. Licenciada em Ciências Sociais, estagiou na École Practique des Hautes Études, em Paris, onde apresentou a tese *Le Brésil dans les récits de voyages du XVI et XVII ème siècles*. Desenvolveu sua carreira acadêmica na Escola de Comunicação e Artes da USP, na área de Sociologia e Antropologia. É professora de pós-graduação do Instituto de Artes da UNESP e coordenadora de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero. Artista plástica, aborda a temática indígena em seus trabalhos. É autora de trabalhos científicos sobre Antropologia da Arte, tendo vários livros publicados.

Pelotas, os teus encantos
Não se os encontra em qualquer,
Contá-los? Eles são tantos...
Não será fácil mister.

Tudo tens... Os rostos santos
De açucena e rosicler;
- As pelotenses são cantos,
Perfumes - anjo e mulher!

E nesse jardim florido
Onde, em folguedos, Cupido
Brinca com a seta do amor,

O Guarany é o castelo
Da antiga lenda, onde o Belo
Vai rescender como flor!...

(Anônimo, 1921)